

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELTON SILVA RIBEIRO

REVERBERAÇÕES DE UM CORPO NA CIDADE: RUÍDOS E
SILÊNCIOS DA DIFERENÇA NO CONTEMPORÂNEO

Niterói
Agosto de 2013

ELTON SILVA RIBEIRO

REVERBERAÇÕES DE UM CORPO NA CIDADE: RUÍDOS E
SILÊNCIOS DA DIFERENÇA NO CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista

Niterói
Agosto de 2013

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

R484 Ribeiro, Elton Silva.

Reverberações de um corpo na cidade: ruídos e silêncios da
diferença no contemporâneo / Elton Silva Ribeiro. – 2013.

87 f.

Orientador: Luis Antonio dos Santos Baptista.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento
de Psicologia, 2013.

Bibliografia: f. 84-87.

1. Cidade. 2. Diferença (Psicologia). 3. Ética. 4. Narrativa.

I. Baptista, Luis Antonio dos Santos. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 158

REVERBERAÇÕES DE UM CORPO NA CIDADE: RUÍDOS E SILÊNCIOS DA
DIFERENÇA NO CONTEMPORÂNEO

ELTON SILVA RIBEIRO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a Analice de Lima Palombini
Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul

Prof. Dr. Marcelo Santana Ferreira
Universidade Federal Fluminense

Niterói-2013

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, além de tudo parceiros, por todo apoio, incentivo e gosto pela vida. Pelo amor incondicional que me sustenta, mas também me joga para o mundo.

A Luis Antonio Baptista, por ter topado essa parceria, pela amizade e atenção em nossos encontros. Pela leveza e sagacidade do pensamento... e por me mostrar que um pesquisador pode ter alegrias, mas nunca estar em paz.

A Analice Palombini, que aceitou tecer conversas a partir deste trabalho. Pela leitura generosa e cuidadosa que me possibilitou seguir caminho desde a qualificação.

A Marcelo Santana, pela amizade e carinho, pelas provocações do pensamento e cuidado na leitura destes escritos.

Ao meu irmão, que, seguindo por caminhos diferentes, é alguém que sei que sempre posso contar.

A toda minha família por fazer de nossos encontros momentos de tantas alegrias.

Ao todos do Coletivo Jurema, Luis-Veri-Bia-Maicon-Helmir-Alex-Jefté-Poliana-Cris, por terem forjado esse corpo-pesquisador junto comigo, pelos bons encontros que tornaram estes dois anos tão mais leves e intensos.

A Veridiana, companheira para todas as horas, pela amizade e inquietude da alma que nos convoca.

A Maicon, vagabundo forasteiro, pela amizade e força, da feitura do projeto até a finalização destes escritos.

A Helmir, pelas conversas e por ter partilhado os primeiros meses numa cidade nova em busca de moradia.

A Edson e Marília, minha família do lado de cá, por nosso dia-a-dia, pelas discussões e alegrias que vivemos juntos. Edson, por me mostrar que cada um tem seu tempo. Marília, pelo cuidado e por me auxiliar vez ou outra indicando saídas para a escrita.

A Hevelyn, amiga recente, mas que já é de muito tempo. Pelas revisões, traduções e leituras cuidadosas. E acima de tudo pelo carinho e amizade.

A João e Kleber, amigos que me chamaram para a cidade, pelo gosto pela pesquisa e pelas conversas nos bares e academias da vida. Por terem tanto me estimulado a seguir para o mestrado.

A Priscilla, pelo incentivo desde a época da seleção do mestrado, pelo carinho e força que longe e perto tornaram meus primeiros meses aqui mais tranquilos.

A Lázaro e Marcel, pelas inúmeras parcerias. Companheiros de tantos momentos que eu quero levar para sempre.

A Michele, Dagoberto e Mônica, pela atenção e por partilharem momentos vividos junto a Maria.

A turma da pós, que entre idas e vindas me acompanhou nestes dois anos. Por terem compartilhado tantas experiências.

A Corina, seu Alan e Dani, pela amizade, por me acolherem tão bem e me feito sentir em casa logo que cheguei à cidade.

Aos amigos diversos que fiz nestas andanças: Diogo, Gui, Renato, Janaina, Tiago, Jorge, Cadu, Rafael, Lívia, Andrea.

A CAPES, que financiou esta pesquisa e me possibilitou seguir de forma mais tranquila o mestrado.

Enfim, a todos aqueles que fizeram desta caminhada algo tão bom de viver e que por algum motivo me fogem a memória.

E a Maria, pela força de seu silêncio.

Entre o corpo da cidade e os corpos que a percorrem, a cidade é uma folha, jamais totalmente branca, sobre a qual corpos contam histórias.

Olivier Mongin, A condição urbana: a cidade na era da globalização.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo trazer à tona um acontecimento urbano, ocorrido em uma cidade do nordeste brasileiro, que coloca em cena relações de poder entre loucura, cidade, diferença, assim como, questões éticas sobre modos de pesquisar. A escrita que aqui se delineia narra uma história de uma usuária do serviço de saúde mental e tem como propósito tensionar as tramas da produção da diferença no contemporâneo. A cidade, neste trabalho adquire o sentido de lugar praticado, lugar de tramas do cotidiano que teria muito a dizer sobre as relações que produzem a diferença no tempo presente. Aliados ao pensamento de Michel Foucault, Walter Benjamin, dentre outros autores, visamos, através da utilização dos chamados detritos da urbe, da vida dos infames, problematizar dilemas éticos sobre a criação e o aniquilamento da força da alteridade.

Palavras-Chave: Cidade; Diferença; Ética; Acontecimento.

ABSTRACT

This master thesis aim to bring to surface a urban happening, which took place in a brazilian northeast city. Power relationships between madness, city, difference and ethical questions about the researching ways are put in discussion by this happening. The writing which came to life here tells a history of a mental health service user and intend to tension the imbrication of the difference production in the contemporary. The city in this paper earns the meaning of a place of practices, place of daily imbrications that has too much to say about the relationships that produces difference in the present time. Connected to the thinking of Michel Foucault and Walter Benjamin, among others, we aim to - through the use of the, so called, urban detritus, life of infamous – discuss ethical questions about the creation and the impoverishment of the otherness power.

Key-words: City; Difference; Ethics; Happening.

SUMÁRIO

Prólogo	11
1. Primeiros passos	16
2. Para internar	23
3. Encontros em um shopping	42
4. Sobre rastros e restos ou sobre informar, narrar e estilhaçar	55
5. A mulher que tentou se desfazer: reverberações de um corpo na cidade	71
Epílogo	83
6. Referências Bibliográficas	84

Não é por contar acontecimentos extraordinários que a narrativa se distingue do diário. O extraordinário também faz parte do ordinário. É porque ela trata daquilo que não pode ser verificado, daquilo que não pode ser objeto de uma constatação ou de um relato.

Maurice Blanchot, O Diário Íntimo e a Narrativa.

Prólogo

Nas produções da diferença no contemporâneo, trajetos que se dão sobre o chão marcado da urbe comportam forças que extrapolam o domínio do perceptível. Passos na rua ressoam lutas, desejos de ordem, sandices, planos e acasos. Corpos no contato com a cidade não estariam imunes à história, nem esta a eles. Ao andar por ruelas sujas, sobre elevados ou por um piso liso e asséptico, o transeunte carrega modos distintos de relacionar-se com a cidade e com o outro. As cidades incitam mobilidades adequadas ao corpo saudável tutelado pela ordem urbana, o equilíbrio das emoções, porém algo pode suceder inesperadamente. Despossuído do atrito dos pés com o chão, a queda de um corpo ao flutuar pode nos narrar histórias inusitadas. Histórias de diferenciados silêncios.

Em uma cidade nordestina que se vende como “capital da qualidade de vida”, cenas veiculadas por jornais locais dizem algo sobre relações com a alteridade no contemporâneo. Alguns homens e mulheres nus ofendem olhares puros que respeitam a diferença, mas longe de seu alcance¹. Os gritos de uma criança incomodam o harmonioso cotidiano de seus vizinhos². Uma voz, aparentemente muda, faz barulho em um espaço que se queria controlado. Sua presença destoante incomodou, tornou-se alvo de contemplação e tempos depois de intervenção.

Em meio ao constante embate de forças que compõe o cotidiano das urbes, mais do que cenas, acontecimentos insistem em ser produzidos e interpelam o presente,

1 No início do ano de 2012 um portal de notícias local publicou que em um bairro da cidade de Aracaju algumas pessoas reclamavam da presença de moradores que faziam muito barulho e por diversas vezes apareciam nus na parte de frente da casa. Logo em seguida houve um esclarecimento da prefeitura dizendo que se tratava de uma residência terapêutica da secretária municipal de saúde. Não muito tempo depois o mesmo jornalista publicou que o “abrigo para doentes mentais” da prefeitura estava causando transtorno aos moradores da proximidade e deixando a vizinhança temerosa. É transcrito aqui um trecho da reportagem: “O problema maior é que muitos ficam mostrando seus órgãos genitais e a vizinhança está cheia de crianças. Imagine o desconforto para os pais. Uma situação difícil. A quem recorrer? Não seria o caso de pelo menos preservar que a comunidade não tivesse que conviver diretamente com cenas explícitas? Ninguém é contra a ressocialização, mas deve-se também preservar a integridade da família. Ou não?”. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/clauidionunes/ler.asp?id=126607&titulo=clauidionunes>>. Acesso em: 16/08/2012.

² Em meados deste mesmo ano uma mãe recebeu uma carta anônima onde fora ameaçada de ter uma bomba atirada em sua casa, devido aos gritos que seu filho de 11 anos dava. Segundo o jornal que publicou a notícia, tratava-se de uma criança “especial” que devido a paradas cardiorrespiratórias quando mais nova adquiriu dificuldades na fala e se expressa por meio de gritos. A carta anônima dizia que os vizinhos estavam cansados dos gritos daquela “aberração”. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=128138>>. Acesso em: 16/08/2012.

envolto pelo crescente acúmulo de informações. Neste, muitas vezes, as coisas surgem e se esvaem sem adquirir consistência e o cotidiano acaba tornando-se uma “coleção de fatos sem cheiro nem sabor”³. Entretanto, alguns acontecimentos teimam em provocar rupturas e, aos poucos, abalam as formas endurecidas de saberes convictos. Existências simples, sem nenhuma glória, por astúcias ou até por um descuido, frequentemente questionam mundos naturalizados da vida ordinária. Algumas narrativas, ao diferirem das informações por não terem compromisso com fatos comprováveis, podem intensificar sutis abalos.

Na cidade de Aracaju um episódio provocou aturdimento. Um acontecimento singular, imprevisível, retirou as coisas de seus lugares e fez entrever outros possíveis. Um corpo ao cair provocou desassossegos. O barulho ecoado no encontro deste com o chão, contudo, teve seu volume diminuído, quando não emudecido. Fora ouvido por muitos como pedido por segurança, previsão confirmada, confissão, contribuição da loucura com mais um dado estatístico. Os efeitos desta vida, traduzida em informação jornalística, desvaneceram-se quase imediatamente. Uma mulher cai do viaduto com seus silêncios; transeuntes fazem falar o corpo imóvel agora impedido de silenciar. O que este episódio teria a dizer sobre o silenciar e o calar de um corpo? Qual trama da produção da diferença estaria sobre o asfalto?

*

Tal acontecimento aturdiu o pesquisador, provocou desvios em um caminhar que ainda se iniciava. Após o encontro com o corpo no chão, ele passou a estranhar sua cidade. Um turbilhão de imagens e sensações passou a provocar efeitos distintos em seu corpo nas ruas da cidade que conhecia desde criança, mas que agora o surpreendia a cada esquina. A cidade planejada, a cidade da qualidade de vida, a cidade de mapa esquadrinhado sobre a qual era pronunciada uma série de virtudes, passava a dar lugar a inesperadas cidades invisíveis; cidades que também se faziam por meio de detritos, por meio de vidas infames.

³ MACHADO, Leila. Subjetividades contemporâneas. In: BARROS, M. E. Psicologia: questões contemporâneas. Vitória: EDIUFES, 1999.

O projeto de pesquisa submetido a este programa de pós-graduação, cujo título era Modos outros de subjetivação nas cidades contemporâneas: a experiência da loucura nas ruas, no que tange a afirmação de um modo de pesquisar, esteve vulnerável a encontros e, desta forma, sofreu alterações. Tal projeto apontava o desejo de narrar algumas cenas que constituíam o espaço urbano de Aracaju, de dizer de vidas ordinárias que compunham seu cotidiano, não de forma harmoniosa como um detalhe compõe um cenário, mas provocando estranhamentos. Queria saber que cidades aqueles que eram tidos como loucos contariam. Quais experiências urbanas ativavam e que poderiam desestabilizar cidades-modelos, cidades-paisagens, cidades-violentas...

Contudo, uma mulher, uma daquelas que antes suscitara seu interesse em produzir narrativas com a loucura nas ruas, se deixou cair após provocar estranhamentos, sair do anonimato e ser alvo de intervenção. O corpo ao cair interpelou seus entendimentos acerca da loucura, da cidade e da diferença. O excesso de ruídos produzidos sobre a vida e morte desta mulher o incomodou e convergiu para o deslocamento de formas instituídas. A partir disto, de encontros com o grupo de pesquisa e com alguns pensadores, aquela mulher deixava de ser vista como personagem; a loucura rompia, assim, as bordas que lhe atribuíam e passava a tensionar as relações que produzem a diferença no contemporâneo.

A presente dissertação passou a ter como objetivo interpelar a produção da diferença na experiência urbana. Atentos aos paradoxos que emergem no cotidiano citadino, visamos problematizar dilemas éticos sobre a criação e aniquilação da força da alteridade. Partindo de um acontecimento singular, acreditamos ser possível interpelar relações fascistas, bem como modos inclusivos no contato com aqueles que experienciam a loucura.

Dizer de um pequeno acontecimento, de uma vida comum, mas que por sua intensidade possa nos interpelar é, portanto, a aposta que se quer percorrer. E para isso, dentre os possíveis riscos, pretende-se escapar as armadilhas classificatórias e identitárias por quais aqueles que decidem falar da vida, falar do outro, podem se ver presos.

Alguns caminhos serão necessários para dar corpo a esta escrita. Os **Primeiros passos** do texto expõe como o pesquisador, em sua caminhada pela cidade, é perturbado

com o encontro com um corpo no chão. Afirmando a força deslocadora de um acontecimento, mostramos como o pesquisador-caminhante passa a estranhar sua cidade, e como seu próprio corpo torna-se outro à medida que a urbe vai deixando entrever outras cidades que crescem sobre o solo da capital nordestina da qualidade de vida. Neste curto capítulo apontamos para um método de pesquisa que se faz ao caminhar e para uma narrativa que se constrói a partir de detritos encontrados na cidade.

O encontro com um pedaço de papel, onde está escrito **Para internar**, traz à cena os jogos de forças que produziram, a partir do século XVII, novas práticas acerca daqueles tidos como degenerados, criando e excluindo toda uma gama de experiências distintas sob a alcunha do desatino, entre elas a loucura. Tais estratégias, como observado, estariam conectadas a uma tecnologia de poder que se estendeu por toda sociedade e que alcança os dispositivos psíquicos de hoje. Ressaltamos que tais ações que vão incidir sobre estes corpos estavam intimamente conectadas a um problema maior de organização e conformação do espaço urbano. Observa-se, deste modo, a emergência, também no Brasil, de uma sensibilidade que vai temer a urbe como local fecundo de perigos para uma boa vida social, engendrando violentas práticas de exclusão e normalização.

Seguindo sua errância, no terceiro momento do texto, o pesquisador tem **Encontros em um shopping** que trazem distintas narrativas para compor a história de Maria José. História montada a partir de diversos fragmentos – conversas, notícias - que narra a sua aparição à cidade de Aracaju, o encontro com as luzes da cidade que a espetacularizaram, a transformação por qual passou quando acionados, entre outros, os dispositivos de atenção psicossocial e o fim a que teve destino na urbe.

Sobre rastros e restos ou sobre informar, narrar e estilhaçar problematiza questões-chaves para este trabalho no que diz respeito a um caminho metodológico e a uma aposta ética no pesquisar em ciências humanas. À luz de contribuições teóricas de Michel Foucault e Walter Benjamin, trazemos neste capítulo um modo de encarar o tempo presente, atento aos restos, àquilo que escapa e que pode, assim, ser utilizado para causar rasgos nas aparentes linearidades e nas cômodas convicções dos grandes discursos. Além disso, se aposta na produção de uma narrativa de vida que possa se dar sem que isso signifique a construção de um discurso que pretenda falar sobre ou pelo outro, e, assim, acabar desembocando em um discurso identitário e normalizador.

A mulher que tentou se desfazer: reverberações de um corpo na cidade compôs o último momento do trabalho. Como o título sugere, visamos trazer neste as reverberações produzidas pelo corpo de Maria José ao encontrar com o chão. Ou melhor, de que forma tais reverberações foram ouvidas. Ao levantar problematizações acerca deste caso, não tencionamos produzir análises explicativas do que aconteceu, ou do por que aconteceu, mas fazer desta uma história aberta, história que possa se desdobrar em diversas outras e, assim, concorrer para o enfrentamento dos fascismos diários que perpassam as relações que produzem a diferença no contemporâneo. Aqui, intensificamos a aposta ética em um modo de estar com o outro, no campo das ciências humanas, que escape a tais fascismos muitas vezes perpetrados ao se desejar incluir. Visamos opor aos ruídos e às luzes impostas às vidas infames na cidade, formas de silenciar que permitem retirar-lhes do papel de vítima, ou de herói; e lhes legar certa opacidade frente a estas luzes da ciência e da mídia que as carregam de um peso, às vezes insustentável, e as encarceram em sólidas identidades.

*

Entendemos que acompanhar os trajetos e intensidades da experiência urbana torna possíveis análises sobre quais são as forças que estão constituindo o tempo presente, bem como pensar as diferentes possibilidades relacionais que se abrem no contemporâneo. Quer se aqui então, ao perceber a cidade enquanto lugar de acontecimentos, catar seus detritos e usá-los para retirar as coisas de sua aparente ordem.

1. Primeiros passos

É início da noite em uma cidade que é muitas e que poderia ser tantas outras, mas podendo não deixa de sê-la. Ela fervilha alimentada por passos, barulhos, cheiros, incômodos, acasos, imagens, desejos. Transeuntes caminham para as mais variadas direções sentindo na pele o abafado produzido pelos poluentes que se adensam e se juntam ao clima típico de uma cidade ao nordeste do país. O dióxido de carbono e o calor advindo dos motores à combustão pairam no ar e convivem com a vontade de alguns de logo chegar a seus destinos. Já outros, parecem traçar caminhos ao acaso e em suas desnorteantes imprevisibilidades são chamados por tempos e espaços ordenados a compor uma harmônica sinfonia urbana. Em meio a tudo, ele se desloca como quem sabe para onde ir. É sua cidade natal, tem rumo e percurso traçado em sua memória. A avenida pela qual passara diversas vezes durante a infância, no trajeto casa-escola, embora com algumas mudanças, continua a mesma. Ares de familiaridade trazem o conforto do conhecido. Aos poucos diversas luzes começam a ser acesas e uma sensação de segurança parece acomodar aqueles receosos pela nascente penumbra. Outdoors luminosos passam a compor o cenário e um misto de opacidade e intensas luzes coloridas, por vezes, provoca certo incômodo. Sobre um viaduto que corta aquela avenida, automóveis passam acelerados, mas logo são obrigados à lentidão devido ao tráfego intenso. Na maioria dos veículos, o que convoca a atenção de seus condutores são outros autos que em determinados momentos obrigam a reduzir a velocidade e em outros proporcionam a chance de uma ultrapassagem. Neles, a temperatura amena produzida pelo ar condicionado e o som emitido pelos alto-falantes diminuem a presença incômoda da rua.

Naquela grande avenida que liga trechos importantes e de crescente valorização da cidade, passantes como ele, em seus trajetos caminhados, sentem os vapores e de forma mais vulnerável a imprevisibilidade da urbe. Debaixo do viaduto pintado com cores e motivos alegóricos locais, algo parece convidar a demorar-se. É produzido um *rallentando*⁴ em um ritmo que por diversas vezes captura. A harmônica sinfonia urbana fracassa. Ao longe, avista dezenas de pessoas que formam um círculo em torno daquilo

⁴ Termo em italiano utilizado na linguagem musical para indicar redução da velocidade. O uso que aqui se dá visa indicar a possibilidade de distintas temporalidades que emergem no espaço urbano, mesmo diante de uma certa “ditadura da velocidade” presente no contemporâneo.

que ainda não consegue distinguir. Sua crença inicial de que seria uma intervenção artística na rua é rapidamente desfeita devido à expressão de alguns ao deixar aquele amontoado de gente. Um homem com uma câmera e outro com um microfone em mãos se encontram presentes no local. Almejam registrar algo, transformar em informação. A presença de um automóvel do órgão de fiscalização de trânsito da cidade e uma faixa de listas pretas e amarelas parecem dizer tratar-se de algum acidente. Elas isolam um pequeno espaço e impedem que se chegue mais próximo. Curiosidade, conjecturas, diagnósticos, tristeza e até previsões confirmadas parecem perpassar o corpo daqueles que observam. Entre as pessoas, ele nota um grande plástico preto, uma pedra, uma bolsa branca e um saco plástico, compondo o que a baixa luminosidade do local dificultaria ainda mais identificar não fossem as luzes projetadas pela câmera do cinegrafista e pelo farol do carro. Por baixo daquele grande e aparentemente improvisado cobertor de plástico, ao lado da bolsa e do que parece um guarda-chuva, permanece um corpo imóvel.

*

Um desconforto invade o corpo do pesquisador-caminhante ao ver aquela imagem e o faz cambalear. Estranha e forte sensação que o desestabiliza e parece desmanchar certezas. Segue andando, mas agora como que desorientado e sentindo que a qualquer momento poderia perder o de si, deixar de ser⁵. Percebe-se envolto em uma grande massa na qual passantes em um vaivém contínuo o deixam cada vez mais confuso. A exposição às inúmeras sensações provocadas pela urbe o faz ofegar. Procura algo a que possa reconhecer, mas de repente parecia ter perdido suas referências. O mapa cortado por diversas linhas retas, que detinha em sua memória, tornava-se precário. A cidade que até então lhe proporcionara ares de familiaridade passava em um pequeno instante a plasmar-se em outras, totalmente estranhas ao seu olhar. Sentia-se trôpego. Por entre ruas estreitas e largas avenidas, casas e arranha-céus, cores fortes e tons envelhecidos, sentia-se como a olhar um caleidoscópio e caminhava incerto com o

⁵ ROSA, Guimarães. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

que ia se desvelando ao seu olhar, ao mesmo tempo distraído e encarnado. Que cidades habitariam aquela?

Em alguns momentos reconhecia as ruas por onde passava, recordava-se dos tantos caminhos percorridos; alguns prédios, esquinas, pontos comerciais, lhe eram familiares. Nestas ocasiões voltava aos poucos a se acomodar e ia realocando-se dentro de si. Porém, ao mínimo encontro com algo estranho a sensação de comodidade logo se desvanecia e um choque o fazia voltar a uma tensa atenção. Placas “proibido estacionar”, “retorno à esquerda”, “Luzia”, “cuidado, travessia de pedestre”, “Grageru”, “shopping a 500 metros”; cartazes “ensina-se banca”, “trago o amor de volta”, “quer perder peso pergunte-me como”, “aproveite a promoção”, “vende-se o terreno”. Na maioria das vezes a diversidade de estímulos durante sua caminhada produzia pensamentos rápidos que não adquiriam consistência. Letreiros, propagandas, anúncios despejados por alto-falantes, barulho de carros, vozes, toques de celular, dificultavam seu pensamento. As pessoas por quais passava pareciam sempre andar apressadas e ao mínimo sinal de um contato elas desviavam de forma sutil ou demonstravam a falta de tempo indicando o relógio.

Caminhava já sem noção do tempo e o excesso de estranhamentos fazia seu corpo estremecer. Sentiu então um desejo de voltar àquele lugar, já que até lá tudo parecia comum; o reconhecimento traria o conforto da segurança. Não devia estar tão longe de onde se dera o acontecimento. Acreditava poder distinguir o local, pois passara por lá diversas vezes. Uma imagem intensa vinha a seu corpo, mas desaparecia rápida e fulgurante. Continuou perambulando e intrigando-se com o que via até que entrou em uma estreita rua pavimentada com grandes paralelepípedos; aquela rua parecia não fazer parte da cidade. Avistou duas folhas de papel rolar em sua direção e serem paradas pelo encontro com um banco, daqueles de madeira que se encontram nas antigas praças. Apanhou os papéis e olhou em volta, meio desconfiado, para ver se alguém se encontrava por ali. Sentou-se procurando o ângulo com melhor incidência de luz e leu em letras impressas:

Não saberia dizer nada a respeito de Aglaura além das coisas que os próprios habitantes da cidade sempre repetem: uma série de virtudes proverbiais, de defeitos igualmente proverbiais, algumas extravagâncias, algumas inflexíveis observâncias às regras. Antigos observadores — e não existe razão para crer que sejam inverídicos — atribuíram a Aglaura um constante sortimento de qualidades, comparando-as, claro, às de outras cidades da época. Pode ser que nem a Aglaura que se descreve nem a Aglaura que se vê tenham mudado muito desde então, mas o que era estranho tornou-se habitual, excêntrico o que se considerava a norma, e as virtudes e os defeitos perderam excelência ou desdouro num ajuste de virtudes e defeitos distribuídos de maneira diferente. Deste modo, nada do que se diz a respeito de Aglaura é verdadeiro, contudo permite captar uma imagem sólida e compacta de cidade, enquanto os juízos esparsos de quem vive ali alcançam menor consistência. O resultado é o seguinte: a cidade que dizem possui grande parte do que é necessário para existir, enquanto a cidade que existe em seu lugar existe menos.

Portanto, se quisesse descrever Aglaura limitando-me ao que vi e experimentei pessoalmente, deveria dizer que é uma cidade apagada, sem personalidade, colocada ali quase por acaso. Mas nem isso seria verdadeiro: em certas horas, em cer-

⁶ CALVINO, Italo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990^a, pp.65-66.

tas ruas, surge a suspeita de que ali há algo de inconfundível, de raro, talvez até de magnífico; sente-se o desejo de descobrir o que é, mas tudo o que se disse sobre Aglaura até agora aprisiona as palavras e obriga a rir em vez de falar.

Por isso, os habitantes sempre imaginam habitar numa Aglaura que só cresce em função do nome Aglaura e não se dão conta da Aglaura que cresce sobre o solo. E mesmo para mim, que gostaria de conservar as duas cidades distintas na mente, não resta alternativa senão falar de uma delas, porque a lembrança da outra, na ausência de palavras para fixá-la, perdeu-se.

Levantou-se do banco ainda mais aturdido com o que vinha acontecendo. Que cidade seria esta que tem por nome Aglaura? Curiosamente o nome de sua cidade-natal começava com a mesma vogal e tinha igual quantidade de letras, mas era outro... Por um pequeno instante estremecia com a possibilidade de não ser. Será que pelo excesso de dizeres ela passara a existir menos? Será que também era ela Aglaura?

Sua cidade possuía também um sortimento de qualidades. Recorda que ela já nascera carregando muitos dizeres. Primeira capital planejada do Brasil! O até então povoado de Santo Antonio de Aracaju, em 1855, por favorecer a criação de um porto - o que facilitaria o escoamento de produtos, algo fundamental para uma capital na época - foi escolhido como local para a nova sede da província de Sergipe del'Rey. A região que comportava o povoado, mas também mangues, lagos, aterros, foi tomada por desejos de ordem e progresso e esquadrihada, tendo sobre si traçado um tabuleiro de xadrez de onde retílineas ruas dariam os bons ares da nascente capital.

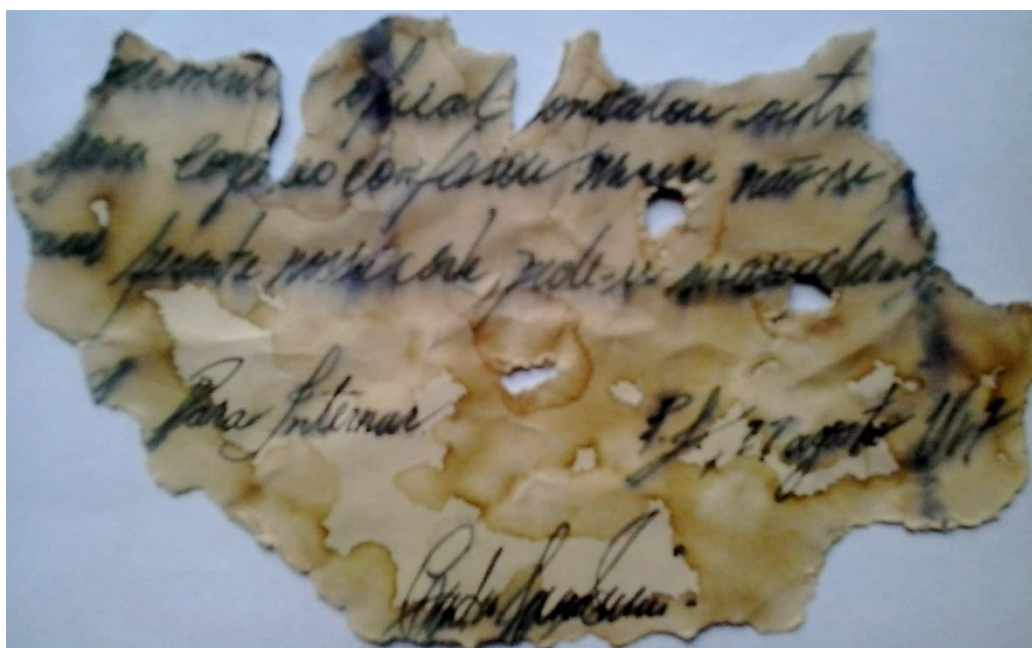
Contudo, nos tempos de agora seriam outras as qualidades, a série de virtudes e as comparações com outras cidades. Capital nordestina da qualidade de vida⁷, cidade limpa e moderna, mas com ares de cidade do interior, devido a sua tranquilidade e ao povo hospitaleiro. Cidade com um dos melhores sistemas de saúde e modelo de uma nova política de saúde mental. Eram muitos os dizeres e a todo momento uma imagem sólida e compacta da cidade tentava manter-se firme.

Resolveu seguir andando na tentativa de retornar ao local. Esforçava-se por reconhecimentos ao mesmo tempo em que tentava se desvencilhar daquilo cuja origem desconhecia, mas que sentia como uma força tentando colocá-lo numa enxurrada que jogaria todos para um mesmo espaço. Passara, não sabe quando, a desconfiar de coisas que pareciam ter um único destino. Ao dobrar a esquina daquela rua finalmente avistou o viaduto colorido, ele estava a apenas alguns metros. Perguntava-se como nunca teria passado por aquela estreita e singular rua que parecia carregada de histórias. Acelerou o passo na ânsia de alguma resposta, contudo, já embaixo do elevado, um cheiro forte penetrou em suas narinas e o fez novamente cambalear. Titubeou. Um desejo de recuo irrompeu. Mas, já estava sujo por aquela andança; escorregara em algo viscoso naquele

⁷ Segundo pesquisa realizada em 2008 pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN), a cidade de Aracaju possuiria o melhor Índice de Desenvolvimento Municipal entre as capitais do Nordeste. Tal índice leva em questão os quesitos saúde, educação, emprego e renda. Dados de outra pesquisa realizada no mesmo ano pela Fundação Getulio Vargas sob encomenda do Ministério da Saúde, mostrou que Aracaju seria a capital da qualidade de vida do país.

chão rasurado. Um rastro de sangue, vivo, parecia se espriar dali, no entanto ninguém se achava mais lá. Encontrara somente um guarda-chuva quebrado. De repente, um inesperado vento soprou forte e elevou diversas sacolas plásticas, que até então ele não tinha se dado conta de existirem, das mais variadas formas, compondo um pequeno redemoinho multicolor. Entre as sacolas surgiam papéis pequenos, rasgados e algumas folhas inteiras, fazendo-o suspeitar da origem do escrito anterior. Pareciam recortes de jornais, bilhetes, receitas médicas, documentos antigos. Indagou-se de onde viriam e que histórias contariam. A cidade parecia comportar mais do que procurava mostrar. Aquele chão, mesmo com camadas de asfalto, aquele monte de concreto que compunha o viaduto, podiam ainda ser marcados por corpos e múltiplas narrativas. A cidade que até então existia mais, em certos momentos parecia dar lugar a invisíveis cidades coexistentes, cidades de raridades e daquilo que não tem nome, cidades indizíveis, cidades de pequenos acontecimentos.

Estava agora de frente a um turbilhão de sacolas e papéis. Tentou alcançá-los, mas eles se espalharam e voaram para as mais diversas direções. Correu e antes que um deles caísse em um bueiro o resgatou: era um pedaço de uma velha folha de papel. Rasgado e amarelado, este era bem diferente do que encontrara anteriormente, parecia um fragmento de documento antigo de onde se delineavam letras formais. Logo abaixo de um texto pouco legível, acima de uma pomposa assinatura e de uma data meio apagada - parecia 1807 -, estava escrito: “*Para Internar*”.



2. Para internar

Sentença curiosa e ao mesmo tempo perigosa esta que durante séculos enviou para o mundo da exclusão uma diversidade de sujeitos, uma gama de experiências distintas que viriam a constituir excêntricos parentescos, sobretudo a partir da era clássica⁸, e que viriam, assim, compor o quadro geral do múltiplo universo do desatino. Para internar, ou uma de suas sutis variações, mantiveram uma aproximação e uma significação nunca muito distantes: retirar corpos considerados inaptos da livre circulação nas cidades, reduzir a probabilidade destes de escandalizar, ou pode se dizer, de provocar transtornos.

Tendo refreada a sua violência, na medida em que cortada a sua ligação a obscuras forças do mundo – relação que fora atribuída durante a Idade Média – a loucura, exemplo mor do estranho e diverso mundo do desatino, foi enclausurada no domínio do humano e referida àquilo que este teria de mais baixo. Passou a ser contida na lógica binária razão-desrazão e, assim, foi subjugada e logo mais seria asilada. Aqueles considerados loucos, no século XVII, desembarcaram da Nau renascentista⁹, que vagava pelos mares da Europa, em meio aos sólidos muros das grandes casas de internamento. A loucura, na era clássica, fora então reduzida ao silêncio por um estranho golpe de força. A Renascença teria libertado as vozes da desrazão, porém controlado sua violência, já a era Clássica vai silenciá-la¹⁰.

Cabe ressaltar que não se pretende aqui tecer uma relativização buscando entender como um suposto fenômeno foi tratado em distintas épocas, mas entender que imbricado jogo de forças produziram e intensificaram práticas acerca daqueles tidos como degenerados, desatinados, inaptos etc. Perceber que tais ações que vão incidir nestes corpos estarão, de início, intimamente conectadas a um problema maior de governo do espaço urbano.

Neste contexto, não se observa experiências homogêneas no trato com o que compunha uma espécie de quadro geral do desatino, e sim distintas práticas, mas que iriam formar, de modo geral, uma nova percepção daquilo que poria em risco uma

⁸ FOUCAULT, M. História da loucura na Idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2010.

⁹ A Nau dos Loucos surge como objeto na paisagem artística da Renascença a partir do século XV. Tais embarcações, onde alguns loucos eram abandonados à própria sorte em longas viagens pelos mares, tiveram existência real.

¹⁰ Ibid.

determinada ordem das cidades. Por toda a Europa surgia uma sensibilidade social que atingiria seu limiar na segunda metade do século XVII, isolando toda uma categoria de sujeitos destinados a povoar os lugares de internamento.

A internação é uma criação institucional própria ao século XVII. Ela assumiu, desde o início, uma amplitude que não lhe permite uma comparação com a prisão tal como esta era praticada na Idade Média. Como medida econômica e precaução social, ela tem valor de invenção. Mas na história do desatino, ela designa um evento decisivo: o momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade¹¹.

Um conjunto de rostos de diferentes silhuetas foi, desta maneira, colocado do outro lado dos muros do internamento. Entretanto, o gesto que excluiu, como se poderia imaginar, não isolava estranhos desconhecidos, mas os criava “alterando rostos familiares na paisagem social a fim de fazer deles figuras bizarras que ninguém reconhecia mais”¹². Assim, ao mesmo tempo em que era produzida a diferença, anulava-se seu potencial político de transtornar enquadrando-a em personagens bem delimitados. Mais do que um papel negativo de exclusão o internamento representou um papel positivo de organização. Tal prática reuniu toda uma série de experiências, das quais antes não se encontrava nenhum parentesco, em um mesmo domínio, o da alienação mental.

E se verá que “nesse espaço factício criado inteiramente em pleno século XVII constituíram-se alianças obscuras que cento e tantos anos de psiquiatria dita “positiva” não conseguiram romper, alianças que se estabeleceram pela primeira vez, bem recentemente, na época do racionalismo”¹³. Doentes venéreos, devassos, homossexuais, alquimistas, suicidas, toda uma população matizada se viu rejeitada para além de uma linha de divisão e reclusa em asilos. Abre-se e delimita-se neste momento um novo espaço social que nasce da inquietação com a pobreza e que será um dia confiscado pela doença. E o asilamento, como se verá, será herdado exclusivamente por aquilo que

¹¹ FOUCAULT, 2010, p. 78.

¹² Ibid., p. 81.

¹³ Ibid., p.87.

haveria de mais grave no mundo do desatino, aquilo que juntaria um erro moral, comum a toda espécie de desatino, a uma bestialidade no humano, a loucura.

Importante lembrar, contudo, que mesmo com o que era considerado loucura, podia se notar práticas heterogêneas. Nem todos os considerados loucos eram tratados da mesma forma, pois alguns, se acreditava, podiam ser curados e eram recebidos em locais específicos; ainda que rudimentares era possível observar alguns tratamentos médicos. Durante o período da Renascença aqueles avaliados como passíveis de cura foram alvo de um certo humanismo médico e viu-se surgir hospitais que reservavam algumas salas para tais insanos. Porém, a grande maioria, considerada incurável, era destinada às grandes casas de internamento e não recebiam qualquer tratamento médico.

Segundo Foucault, se levados ao pé da letra os textos e documentos por ele analisados, haveria então de se supor que uma análise médica seria sempre necessária para decidir pelo internamento de alguém. Seria, portanto, o juízo da medicina que introduziria no mundo da loucura. Entretanto, não é o que ocorria na prática, pois é raro encontrar documentos que contenham algum certificado médico justificando a internação. Situação que se intensificaria ainda mais em 1667, quando, em Paris, cria-se o cargo de tenente de polícia e os internamentos, na maioria dos casos, passam a ser realizados sob seu pedido.

Já a partir de 1692, o procedimento que se tornará mais frequente será a *lettre de cachet*¹⁴. (Ver-se-á mais adiante como este instrumento vai ser importante para a intensificação de uma rede de controle na sociedade). Serão pessoas próximas, como familiares ou vizinhos, que solicitarão ao rei, o internamento, e este vai ordená-lo após a assinatura de um ministro, que normalmente a concedia após uma inspeção do caso. “Tanto isto é fato que no século XVII a loucura se tornou assunto de sensibilidade social; aproximando-se do crime, da desordem, do escândalo, ela pode ser julgada, como estes, pelas formas mais espontâneas e mais primitivas dessa sensibilidade”¹⁵.

Ver-se-iam assim, de forma geral, duas experiências distintas, mas concomitantes, com a medicina, de um lado uma teoria jurídica acerca da loucura que recorre à medicina para legitimá-la e de outro uma prática social, quase policial, mais

¹⁴ Tratava-se de documentos emitidos em nome do rei, mas que na maioria dos casos eram respostas a pedidos vindos “de baixo”, a solicitações dos súditos, muitas vezes os próprios familiares ou vizinhos, que evocavam o poder real para que este se exercesse sobre aqueles considerados indesejáveis, e que assim os sujeitassem a medidas de segurança tais como a prisão ou o internamento.

¹⁵ FOUCAULT, 2010, p. 128.

comum, que vai utilizar formas de internamento e independe da teoria. E um dos esforços daquele século, segundo o pensador francês, vai ser o de ajustar estas duas experiências, a de um sujeito de direito com a do homem social. “A doença mental, que a medicina vai atribuir-se como objeto, se constituirá lentamente como a unidade mítica do sujeito juridicamente incapaz e do homem reconhecido como perturbador do grupo, e isto sob o efeito do pensamento político e moral do século XVII”¹⁶.

Importante ressaltar também, que tais práticas médicas, vistas de forma bem localizadas nesta época, estavam muito mais ligadas a tratamentos morais do que a cuidados terapêuticos ou medicamentosos fundados sobre algum saber médico. Pois, antes mesmo de um saber e uma instituição efetivamente psiquiátrica, o que emerge é uma forma de poder que não apenas as garantirá, como produzirá aqueles sujeitos sobre quem este saber vai incidir. Tramas se estabeleceram e possibilitaram a produção da loucura como doença mental, bem como a instauração de uma lógica disciplinar que estaria presente até os dias hoje.

Em curso proferido no Collège de France, nos anos 1973 e 1974¹⁷, Foucault propõe uma análise diferente da que tinha realizado em *A História da Loucura*, obra na qual teria dado um privilégio ao que se pode chamar de percepção da loucura, caindo assim no risco de uma análise das representações. Agora o objetivo seria outro, interessaria saber “em que medida um dispositivo de poder pode ser produtor de certo número de enunciados, de discursos e, por conseguinte, de todas as formas de representações que podem posteriormente daí decorrer”¹⁸. Ou seja, Foucault iria analisar a emergência de uma tecnologia de poder que será a condição de possibilidade para todo um saber e uma prática psiquiátricos. Mas, não somente para isso.

Uma cena. Algo singular, mas que deixa entrever os jogos de força que atravessam uma interessante disposição do poder, um novo modo de intervir junto ao corpo e assim produzir sujeitos. Aparecimento de uma ordem disciplinar que vai se espalhar por toda a sociedade e possibilitar saberes, discursos e práticas. É o que se entrevê com a cena de cura do rei George III¹⁹, da Inglaterra, que para Foucault é muito

¹⁶ FOUCAULT, 2010, p.131.

¹⁷ FOUCAULT, M. *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

¹⁸ *Ibid.*, p.17

¹⁹ Cena relatada por Pinel em seu *Tratado médico-filosófico* e analisada por Foucault. (FOUCAULT, 2006).

mais sinalizadora de uma época do que a cena considerada um marco da psiquiatria, a famosa cena de Pinel libertando os loucos das correntes do asilo. Tal episódio de cura do rei serve para mostrar a emergência de um tipo de exercício de poder político que vai se sobrepor às relações de soberania. Episódio que marcaria a passagem de um estado soberano para o estado moderno²⁰, onde o poder que emanava do rei é substituído por um poder anônimo e individualizador ao qual o próprio monarca vai ser submetido. Na cena referida, a loucura do rei

o faz cair sob um poder que não é um outro poder soberano; [...] É um poder anônimo, sem nome, sem rosto, é um poder que é repartido entre diferentes pessoas; é um poder, sobretudo, que se manifesta pela implacabilidade de um regulamento que nem sequer se formula, já que, no fundo, nada é dito, e está bem escrito no texto que todos os agentes do poder ficam calados. É o mutismo do regulamento que vem de certo modo ocupar o lugar deixado vazio pela descoroação do rei²¹.

Observa-se assim a constituição de um poder disciplinar, e de um poder psiquiátrico, antes mesmo do surgimento de discursos de verdade sobre a loucura ou de instituições para a sua cura. Foucault mostra como, com a constituição de certa ordem, de determinada disciplina aplicada ao corpo, foi possível a fabricação tanto do doente mental, como a de um “olhar médico” - relação de objetividade que teria por alvo a cura do doente. E para isso, fora necessário o ordenamento dos espaços, dos gestos, dos comportamentos, dos discursos; o assujeitamento dos corpos para que estes surgissem na sua individualidade e, assim, tornassem possível o seu conhecimento.

Esta nova microfísica do poder, assegurada por uma multiplicidade e não mais pela figura do soberano, garantida por uma disposição estratégica, onde diferentes indivíduos exerceriam determinadas funções, é o que vai, desde o início do século XIX, criar as condições de possibilidade não somente para a prática psiquiátrica, mas para a emergência de todos os discursos psi.

Já com relação aos procedimentos de cura, o que se vê são cenas de enfrentamento entre a vontade do médico e a vontade do doente, na qual o psiquiatra,

²⁰ PALOMBINI, Analice de Lima. Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade. Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

²¹ FOUCAULT, 2006, p.27.

atuando como guardião da verdade, vai agir como intensificador de uma realidade. Ele vai impor o real à loucura em nome de uma verdade detida por esse poder sob o nome de ciência médica. Mesmo que os discursos científicos que a psiquiatria tinha se preocupado em constituir na época, como o discurso nosológico e o discurso anatomopatológico, não mantivessem nenhuma relação com a prática psiquiátrica; estes serviam apenas como legitimadores desta prática que se queria detentora de uma verdade inquestionável²².

Desta forma, a cura nas instituições asilares era, de modo geral, esperada como um processo reativo a partir da combinação de alguns elementos, como o isolamento no asilo, a aplicação de alguns medicamentos de ordem fisiológica, as restrições próprias da vida asilar (a disciplina, alimentação definida, trabalho, instrumentos físicos de coerção) e uma espécie de “medicação” psicofísica, ao mesmo tempo punitiva e terapêutica, como a ducha e a cadeira rotatória²³. Exemplar destes elementos que definiam o âmbito terapêutico, Foucault cita um caso que permitiria compreender os mecanismos gerais aplicados pelos psiquiatras da época, em torno de 1840, e que podia ser dividido em quatro ou cinco manobras²⁴.

Primeiro, um desequilíbrio do poder, faz-se que o poder passe logo de saída para o lado do médico. Dissimetria fundamental a disciplina. O doente deve perceber que toda a realidade está concentrada na vontade do médico, assim deve aceitar tudo aquilo que o médico quer. Além disso, esse desequilíbrio minaria a afirmação de onipotência que se acreditava existir em toda forma de loucura. A segunda manobra seria a reutilização da linguagem. É necessário que o doente reconheça o nome de cada um, do médico, do enfermeiro, do vigia, e que reconheça, a partir daí, a hierarquia do espaço disciplinar. Terceiro, uma organização das necessidades. Mantêm-se o doente abaixo de certa linha de sua existência, privando-o de coisas que ele teria acesso normalmente, de modo que se estabeleça um sistema de carências. O doente tem que perceber que ele precisa trabalhar para comer, para pagar os cuidados que lhe dispensam. O que também vai fazer com que o mundo exterior torne-se desejável, em oposição ao mundo asilar. Por último, o dispositivo do enunciado da verdade. É preciso que o doente diga a

²² FOUCAULT, 2006.

²³ Ibid.

²⁴ Terapia efetuada pelo psiquiatra francês Leuret, num tal senhor Dupré, e que para Foucault seria um caso bem desenvolvido que deixa entrever como se dava a terapêutica da loucura nesta época. (FOUCAULT, 2006).

“verdade”, que ele confesse seu erro perante a realidade médica; e é através do reconhecimento de certo número de episódios biográficos que ele deve primeiramente enunciá-la. Dispositivo, por conseguinte, que cada vez mais impede de silenciar.

Construção de uma realidade biográfica, portanto. O interrogatório vem funcionar, neste contexto, como um importante instrumento de realização da loucura. Deve-se perguntar ao doente quais as doenças de seus antecedentes, buscando encontrar um substrato patológico no corpo constituído pela família. Procuram-se episódios pelos quais a loucura se mostraria antes de ser realmente loucura, informações de vida que poderiam identificar sinais anunciadores de sua doença. Organiza-se uma espécie de trato, no qual o psiquiatra pede ao doente que assuma sua loucura, para que, assim, ele possa isentá-lo de sua responsabilidade moral e jurídica e retirar sua culpa. E por último, organiza-se uma confissão central: o sujeito interrogado não apenas deve reconhecer sua loucura, mas atualizá-la no interior do interrogatório. Situa-se o sujeito em um ponto de estrangulamento, em que ele “se vê obrigado a dizer “sou louco” e desempenhar efetivamente sua loucura”²⁵.

Logo, poder que faz falar, que exige uma confissão para que todo o “teatro” psiquiátrico se valide. Mais do que reprimir, portanto, o poder disciplinar produz. Produz práticas, saberes, sujeitos, discursos, faz falar e faz agir. E nesta conjuntura, a escrita se torna fundamental, pois ela permite o acúmulo de informações sobre um corpo, permite que se constituam arquivos, permite, assim, uma eficácia maior desta forma de poder.

Para que o poder disciplinar seja global e contínuo, o uso da escrita me parece absolutamente necessário, e parece-me que se poderia estudá-lo da maneira como, a partir dos séculos XVII-XVIII, se vê, tanto no exército como nas escolas, nos centros de aprendizagem, igualmente no sistema policial ou judiciário, etc., como os corpos, os comportamentos, os discursos das pessoas são pouco a pouco investidos por um tecido de escrita, por uma espécie de plasma gráfico que o registra, os codifica, os transmite ao longo da escala hierárquica e acaba centralizando-os. Vocês têm aqui uma relação nova, creio, uma relação direta e contínua da escrita com o corpo.²⁶

²⁵ FOUCAULT, 2006, p.356.

²⁶ Ibid., p.61.

Em *A vida dos Homens Infames*²⁷, Foucault vem mostrar como, a partir de finais do século XVII, este investimento em uma escrita, a construção desta rede de dizibilidade da vida, passa a tomar forma, tornando-se um importante instrumento de controle do cotidiano. O antigo mecanismo da confissão, caro ao cristianismo e que fazia passar pelo fio da linguagem o minúsculo mundo de todos os dias - “tudo dizer para tudo apagar” - passou a ser enquadrado por um outro mecanismo; não mais agenciamento religioso, mas administrativo. As mínimas práticas diárias, aquilo que poderia fugir a uma determinada ordem da moral e da razão, deveriam vir ao conhecimento dos mecanismos de poder. O objetivo: criação de uma rede de discursificação do cotidiano; revista do universo ínfimo das irregularidades e das desordens visando o esquadramento da vida.

A partir do uso de instrumentos como as *lettres de cachet* - enviadas em nome do rei, mas em grande parte por homens comuns, às vezes os próprios familiares, para que o poder soberano viesse a incidir sobre aqueles considerados indesejáveis - o insignificante vai deixando de pertencer ao silêncio. O ordinário, a obscuridade, a vida comum deve ser dita, e mais, escrita. O discurso vai atravessar vidas e produzir monstros. E no lugar da confissão religiosa, utiliza-se a denúncia, a queixa, o relatório, o interrogatório. Deste modo, tudo que se diz é registrado por escrito, acumulado, constitui arquivos. Surgem diferentes formas de relação entre o poder, o discurso e o cotidiano, um entrelaçamento ainda não visto e que vai almejar geri-los e ordena-los de forma intrincada, e por isso mais eficiente. Distribuição, assim, num complexo circuito de poder²⁸.

Para Foucault “é aí que, pelo menos em parte, tem a sua origem um certo saber do cotidiano e, com ele, uma grelha de inteligibilidade que o ocidente se encarregou de assentar sobre os nossos gestos, sobre as nossas maneiras de ser e agir”²⁹. No entanto, é importante ressaltar que nesta época, passagem do século XVII para o XVIII, ainda era necessária a presença, ao mesmo tempo real e virtual, do Rei. Na sua forma primeira esses mecanismos de discursificação do cotidiano só existiam dentro de uma relação de poder dominada pela figura do monarca, pois era a ele que os discursos se dirigiam.

²⁷ FOUCAULT, M. *A vida dos homens infames*. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.

²⁸ FOUCAULT, 1992.

²⁹ *Ibid.*, p.118.

Virá o dia em que o poder que se exercerá na vida cotidiana já não será o de um monarca todo-poderoso, fonte de toda justiça. Os corpos dos miseráveis não mais se defrontarão quase diretamente com o do rei. O poder que se exercerá será constituído por uma rede fina, contínua, onde se disseminam as instituições da medicina, da justiça, da política, da psiquiatria. Fará agir e falar. O discurso que irá se formar terá a presunção da observação e da neutralidade. “O banal será analisado de acordo com a grelha eficaz mas cinzenta da administração, do jornalismo e da ciência”³⁰.

Tal dia chegou, como visto, atingindo sua concretude em fins do século XVIII, início do XIX, e com algumas modulações alcançou o tempo presente. A tecnologia de poder disciplinar espalhou-se por toda a sociedade por meio do esquadramento dos corpos e dos espaços; atuou produzindo assujeitamentos e possibilitou, assim, o surgimento das chamadas ciências humanas. A justiça e a psiquiatria ao punir mesmo que virtuais desvios e excluir toda uma espécie de “degenerados” permitiu uma classificação social hierarquizada, fundando práticas de disciplina e controle social. Para tanto, junto às práticas asilares viu-se a constituição de uma medicina social que transformou as cidades de modo a investir contra aquilo que se acreditava colocar em risco a vida das pessoas.

Surgem estratégias que incidiriam não apenas sobre o corpo individualizado, mas no corpo da população, do homem em relação com tudo aquilo que o rodeia. Mecanismos que tencionam dar conta da totalidade da vida humana, ordenar seus comportamentos, seus gestos, seus discursos, normatizar a relação deste com o espaço urbano, a água, o ar e com outros corpos; tudo isso, em nome de um ideal de salubridade³¹.

Tais mecanismos, de tal modo, já indicariam outra tecnologia de poder, que se tornou preponderante sobre estes outros tipos de poder já existentes - a soberania e a disciplina - mas não os excluindo. Para o pensador francês seria possível afirmar que se vive em uma “era da governamentalidade”³² desde o século XVIII. Decorrente de

³⁰ FOUCAULT, 1992, p.122.

³¹ “Salubridade não é a mesma coisa que saúde, e sim o estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos, que permitem a melhor saúde possível. Salubridade é a base material e social capaz de assegurar a melhor saúde possível dos indivíduos”. (FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979c).

³² FOUCAULT, M. A governamentalidade. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979b.

análises dos dispositivos de segurança, Foucault investiga o surgimento deste novo corpo sobre o qual irá incidir tal nova forma de poder, no caso a população.

Nasce, portanto, um saber de governo absolutamente indissociável de um saber sobre todos os processos referentes à população. E isto não significa que a soberania e a disciplina deixaram de desempenhar seus papéis. Nunca, conforme Foucault, a disciplina foi tão importante e tão valorizada quanto a partir do momento em que se procurou gerir o corpo da população. Deste modo, não haveria uma substituição de uma sociedade de soberania por uma sociedade disciplinar e depois por uma sociedade de governo. Mas atualizações, sobreposições de estratégias características de cada forma de poder, que passam, a partir de então, a ter na população seu principal alvo.

É nesta era da governamentalidade, envolta por uma necessidade de melhor governar os corpos, portanto, que se vê aparecer, no final do século XIX, o que não é apenas uma “anátomo-política” do corpo humano – procedimentos de poder que seriam característicos das disciplinas – mas, o que Foucault chama de uma “bio-política” da espécie humana, com toda uma série de intervenções e controles reguladores dos corpos no espaço³³. Surgia, assim, a necessidade de um controle social, de esquadrihar o espaço público visando à higienização das cidades e de gerência dos corpos enquanto força de produção. Procedimentos biopolíticos possibilitados por diversas estratégias que se situariam na articulação do homem com o coletivo, a exemplo da medicina social.

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente ao contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política³⁴.

A biopolítica vai lidar com a população, e a população como um problema a um só tempo científico e político. Vai assegurar sobre os indivíduos não mais apenas uma disciplina, mas uma regulamentação. Em vez de, como na soberania, “fazer morrer e

³³ FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

³⁴ FOUCAULT, 1979c, p.80.

deixar viver” aparece um poder, chamado por Foucault de regulamentação ou biopoder, que consiste em fazer viver e deixar que morra. E toda esta regulamentação da vida não apenas dita normas, mas produz necessidades, desejos, formas de sentir, formas de ver e modos de se portar na cidade. Atua, importante ressaltar, de forma a “qualificar” a cidade, a vida dos homens, de forma a produzir saúde e o que era entendido como melhores formas de habitar a urbe.

O espaço urbano deveria, portanto, ser unificado e organizado de modo a possibilitar uma melhor circulação do ar, das águas e das pessoas. Tornar-se-ia necessário controlar os locais de amontoamento que poderiam se tornar fontes de doenças, como cortiços, hospitais, cemitérios, presídios. Logo, toda uma reordenação do tecido urbano ia se dando, tendo como pressupostos validadores alguns discursos científicos. A forma de relação com aqueles considerados inaptos e que não se ajustavam ao ideal do homem da cidade moderna, com aqueles que não se enquadravam no mercado de trabalho, como apontado, vai se dando a partir de determinadas práticas de controle dos corpos, normatização das condutas e exclusão.

*

No Brasil, é com a proclamação da República e com os emergentes ideais positivistas de ordem e progresso que a preocupação com a ordenação do espaço urbano e com as figuras consideradas desviantes vai se tornar intensa. Ver-se-á que somente em finais do século XIX as práticas com relação à loucura vão adquirir efetivamente um sentido médico.

Em *Cidadelas da Ordem*³⁵, Cunha afirma que, no século XIX, existiam muitas figuras populares que trariam a marca da “vesânia” incorporadas à paisagem urbana e ao cotidiano das cidades. Figuras como o Príncipe Oba II, reverenciado e admirado nas ruas do Rio de Janeiro, cuja morte foi noticiada pelos principais jornais da cidade, o Príncipe Natureza e o Praia Grande, mostram como, nesta época, estes pitorescos personagens eram, de certa forma, aceitos em sua diferença.

Até meados do século XIX, o tema da loucura era um item de menos importância numa pauta nascente que incluía a questão dos esgotos, dos cemitérios, das

³⁵ CUNHA, M. *Cidadelas da Ordem: A doença mental na República*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

habitações coletivas das classes pobres; da higienização e modernização das cidades. Foi apenas na década de 1880 que surgiram os especialistas no campo da loucura: os alienistas. A partir de então a loucura passa a entrar na ordem do dia e tornar-se uma doença de fundo orgânico, perigosa e invisível aos leigos, cabendo aos alienistas promoverem sua cura.

Tais especialistas chegavam inspirados por modernas concepções de ciência, importadas da Europa. A teoria da degenerescência, formulada pelo psiquiatra austríaco Benedict Morel, foi um dos principais referenciais teóricos destes profissionais e conferiu a psiquiatria uma amplitude e um potencial de controle social extremamente ampliado. Segundo a teoria de Morel, construída a partir de observações de pobres e proletariados parisienses, a loucura seria um subproduto da degeneração e, logo, de natureza hereditária. Deste modo, os pobres, que eram constantemente submetidos a condições de existência propiciadoras de degeneração, passavam a ficar sob generalizada suspeita e começavam a ser intensamente combatidos nas grandes cidades.

Preocupado com questões relativas ao rápido crescimento urbano e industrial que transformava as cidades, o regime republicano encontrou na teoria da degenerescência um eficaz instrumento de controle social. Esta concepção tida como científica acabou tornando-se uma forma de justificação e estigmatização da pobreza. Além disso, uma inversão foi produzida, afirmava-se que não era a pobreza ou a insalubridade que criavam a degeneração do proletariado, e sim a degeneração que seria responsável pelo “detrito social” composto de setores marginalizados, pobres ou perigosos³⁶.

O pensamento alienista, essencialmente voltado para a profilaxia do meio urbano, considerava, deste modo, a cidade como um ambiente ideal para deflagrar uma verdadeira epidemia social. Para os alienistas, “A cidade esconderia multidões anônimas de degenerados em seus becos, vielas [...] nas multidões de pobres laboriosos cuja fronteira com os degenerados seria teórica e praticamente imperceptível”³⁷. Pobreza e loucura passavam a possuir entre si um contrato até então inexistente em terras brasileiras.

A atribuição de uma natureza orgânica e hereditária à loucura possibilitou, portanto, à psiquiatria a inauguração de um conjunto de práticas que ultrapassavam o

³⁶ CUNHA, 1990.

³⁷ Ibid., p.27.

campo restrito do que seria a sua especialidade. As práticas dos alienistas se voltavam contra os comportamentos condenados pela moral das elites, contra comportamentos definidos como antissociais, contra a loucura identificada pelo critério de improdutividade de seu portador, contra todas as condutas que fugissem aos padrões e normas definidas como boas pela ciência.

Diante dos graves problemas de higiene e de falta de controle sobre o corpo social, duas estratégias eram propostas ao estado, pelo alienismo. Esquadrinhar o espaço urbano para localizar os pontos de degenerescência e poder sequestrar os degenerados. E em segundo lugar, defender a sociedade. Devia-se proteger os sãos, introjetando neles a ideia de sua própria defesa contra a degeneração, inculcando-lhes princípios de moral e de higiene para torná-los aptos à disciplina das grandes cidades e capazes de perceber a degenerescência. Este saber, capaz de criar eficazes instrumentos de disciplinarização, foi, assim, rapidamente apoiado não só pelo Estado, mas por toda a população. Os alienistas podendo perceber a loucura e a degeneração por trás daqueles corpos suspeitos, em breve inculcariam em todos o medo e a “sabedoria” para percebê-los.

É envolto por este cenário que surge o asilamento científico no Brasil. Já que os asilos que existiam, a exemplo do Hospício Dom Pedro II, eram, sobretudo, casas de assistência e caridade, onde praticamente não havia enfretamento médico da loucura. Em 1890, ele se separa da Santa Casa de Misericórdia, por quem era administrado, e transforma-se no Hospício Nacional de Alienados, passando, assim, a ter tratamento médico-científico. Tratamento médico que ainda terá um significado moral de recuperação e readaptação à ordem e a disciplina exigidas para a vida nas grandes cidades. O Hospício, que teve como seu principal modelo o de Juquery, idealizado por Franco da Rocha, em São Paulo, vai se tornar um microcosmo idealizado de uma harmônica e funcional cidade, onde os ideais produzidos pelo razão científica serão propagados e feitos cumprir à revelia da vontade de seus internos.

O asilamento “científico” contrapunha-se à temível imagem da desordem urbana, da sujeira, da subversão dos valores mais caros às elites pela imposição de uma versão higiênica, disciplinada, pacífica e capaz de restaurar no próprio mundo do desatino a imagem da ordem almejada. Assim o hospício médico surge como

uma promessa de um mundo regulado que, do caos da loucura, podia fazer renascer o triunfo da razão³⁸.

Tais ideais seriam ainda fortalecidos com o surgimento de outro dispositivo, nas primeiras décadas do século XX, que vai atuar como mais um eficaz gerenciador da ordem urbana, a chamada Liga Brasileira de Higiene Mental. Tida como marco inicial da Psiquiatria científica no Brasil, ela mostra como os psiquiatras da época, visando tratar os “degenerados”, elaboraram programas de “higiene mental” fortemente influenciados pela ideia de uma medicina social e por ideais eugênicos³⁹.

Segundo Costa, a Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1923, pelo psiquiatra Gustavo Riedel, com o objetivo inicial de promover uma melhor assistência aos doentes mentais, acabou confundindo, se é que é possível falar em confusão, os problemas psiquiátricos com os problemas culturais em geral. Após 1926, os psiquiatras começaram a elaborar projetos que ultrapassavam as aspirações iniciais da Liga e que visavam à prevenção, à eugenia e à educação dos indivíduos na cidade. Atenção maior não a uma possível cura, mas à profilaxia.

O regime republicano ainda atravessava um intenso período de convulsões no início do século XX. A abolição da escravatura, a imigração de camponeses e o grande crescimento industrial geravam grandes aglomerados de pessoas nos centros urbanos, e levaram os psiquiatras a, visando ao controle de possíveis desvios causados por essa massa, criarem projetos de higienização e “purificação” da sociedade.

Para os intelectuais da época, contudo, essa desordem atravessada encontraria sua principal justificativa nas condições “naturais” constitutivas do estado brasileiro. O brasileiro não se desenvolveria porque era formado por raças inferiores, e por isso era preguiçoso, ocioso, indisciplinado e pouco inteligente. Decorre dessas afirmações, a adoção da ideia de eugenia criada pelo fisiologista inglês Galton. O termo designava o estudo dos fatores sociais que influenciavam nas qualidades raciais das gerações futuras, tanto físicas quanto mentais. De acordo com os psiquiatras, o indivíduo doente ou sadio seria referido à sua matriz biológica e não cultural. Portanto, enquanto não se extinguisse essa miscigenação malévola, enquanto ainda se aceitasse a intrusão de negros e mestiços, seres biologicamente inferiores, o Brasil não iria evoluir socialmente.

³⁸ CUNHA, 1990, p.49.

³⁹ COSTA, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil, 3ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.

O médico encarregado de assistir aos doentes mentais deveria, assim, ser eugenista antes de ser psiquiatra. “A eugenia, desde então, passa a ser considerada “higiene social da raça” e a higiene mental passa a ser entendida como uma aplicação dos princípios eugênicos à vida social”.⁴⁰ Vê-se aí como a Liga Brasileira de Higiene Mental, criada com o objetivo de promover uma melhor assistência aos doentes mentais, tornou-se mais um dispositivo de controle social e higienização da cultura brasileira, adotando os ideais eugênicos de hierarquização das raças.

Tais episódios demonstram que a cidade, e as incontáveis formas de relação que poderia comportar, aparecem, neste momento, como principal alvo de preocupação dos alienistas, misto de urbanistas e psiquiatras da época. O esquadramento do tecido urbano é um projeto que se inicia fortemente entrelaçado ao surgimento de uma terapêutica da loucura no Brasil. Esquadrihar a urbe, o corpo da população, era principalmente sujeitar a um escrutínio científico o corpo da pobreza, da loucura, o corpo daqueles que portariam o signo da diferença.

Palombini⁴¹ ressalta a existência de alguns pontos divergentes com relação à apreensão da teoria da degenerescência e seus desdobramentos práticos, no início do século XX, como mostrada por Cunha, e o modo como a psiquiatria eugenista, surgida na década de 20, encarou este fenômeno. Segundo a autora, para o alienismo nascente com a República, a degeneração poderia contaminar de modo difuso todo o tecido social, sendo papel dos alienistas identificarem tais agentes e excluí-los da sociedade. Já para os eugenistas, a degeneração estaria mais restrita a um setor específico da sociedade, o proletariado, assim, eram exigidas medidas preventivas e profiláticas a serem operadas com esta população.

Entretanto, comum a todas as formas de percepção é o modo como o espaço urbano será apreendido e o sequestro que se efetuará daquelas populações consideradas perigosas; incluída nesta e herdeira quase exclusiva do internamento a loucura - que deste momento em diante é considerada doença mental e asilada sob a tutela de um alienismo bastante eclético com relação à importação de teorias. Observa-se, assim, a emergência, em terras brasileiras, de uma sensibilidade que vai temer a urbe como local fecundo de perigos para uma boa vida social, engendrando violentas práticas de exclusão e normatização legitimadas por um poder-saber científico.

⁴⁰ COSTA, 1980, p.50.

⁴¹ PALOMBINI, 2007.

O confronto com a diferença, com o imprevisível, manteria o homem moderno constantemente alerta sob o risco de desestabilizá-lo. O louco, o proletariado, o vagabundo, entre outros, passavam a ser encarados como virtual fonte de perigo, agentes causadores de uma possível epidemia urbana. O homem burguês, com a emergência das grandes massas nas cidades modernas, pretendia-se neutro nas ruas. Julgava que o conforto do seu lar o protegeria das ameaças mundanas, permitindo a segurança de um eu individualizado, longe daqueles riscos que provocavam medo. A medicina, a psiquiatria e o urbanismo misturavam-se e corroboravam tais temores prescrevendo profilaxias que se estenderiam até tempos bem recentes.

*

Parte desta história não pertencera apenas a tempos remotos, da proclamação da República no Brasil, ao século XIX ou às primeiras décadas do século XX. O pesquisador-caminhante notara práticas e discursos semelhantes não somente em livros, mas através de relatos, de testemunhos, de narrativas de trabalhadores e daqueles que mais sofreram com o regime manicomial. Conhecera, já fora dos muros asilares, antigos internos de hospícios e vira marcas naqueles corpos cansados e saturados de tanto manicômio. Lembra-se de ter pensado em como às vezes seria muito mais difícil os manicômios deixarem aqueles corpos do que os corpos saírem dos manicômios.

Contudo, existiram também acontecimentos que romperam com tal lógica. Ouvira dizer de histórias de ingleses, franceses e italianos que chegaram ao Brasil antes mesmo deles porem os pés aqui. Histórias que em solo brasileiro adquiriram tons peculiares e contribuíram para desmantelar o que estava instituído em relação à loucura. Narrativas de lutas que provocaram mudanças, mas que ainda dizem de um processo, de algo que permanece em movimento.

Experiências que surgiram mais fortemente após a Segunda Guerra e passariam a colocar em xeque os modos até então instituídos de cuidado com a loucura, bem como as instituições asilares. A psiquiatria de setor na França, a psiquiatria comunitária nos Estados Unidos, entre outras experiências, estabeleceram críticas quanto ao modelo hospitalar e propuseram reformas no modo como se dava o tratamento daqueles considerados doentes mentais. E ainda mais, com a Antipsiquiatria na Inglaterra e com

o movimento de desinstitucionalização na Itália começa-se a por em análise não somente a instituição asilar, mas o próprio saber médico e os modos como a sociedade se relacionava com o sofrimento e com a diferença.

O movimento da Psiquiatria Democrática italiana, iniciado por Franco Basaglia, na década de 1970, veio a influenciar bastante as transformações que ocorreram no sistema de saúde pública brasileiro e as consequentes mudanças no modo de atenção ao portador de transtorno mental. Tal movimento ofereceu condições de sustentabilidade para alternativas ao modelo manicomial, através da lei de extinção dos manicômios e implantação de outros mecanismos institucionais que mostravam distintos modos possíveis de cuidado. Subsidiou assim, de certa forma, a implantação do modelo de atenção psicossocial, com dispositivos de cuidado como território, vínculo, responsabilização, etc.

Os movimentos que culminaram na chamada Reforma Psiquiátrica Brasileira envolveram diversos segmentos da sociedade e fizeram parte de lutas não só pelo fim dos manicômios, mas pela redemocratização do país e por um sistema de saúde universal, integral e equânime. O Movimento da Luta Antimanicomial passou a discutir a reestruturação da atenção em saúde mental, primeiramente justificada pelo fato de os serviços prestados por hospitais psiquiátricos se mostrarem segregadores, ineficazes e iatrogênicos. Mas não apenas isso, os muros institucionais deveriam ser demolidos, e também novas formas de relação com a diferença forjadas. O novo viés desinstitucionalizante, entre outros objetivos, pretendia acabar com os manicômios e com a relação de tutela entre os profissionais e os, agora, usuários dos sistemas substitutivos, além de produzir uma mudança cultural profunda na sociedade, visando transformar a atitude com relação à loucura.

A partir de 2001, com a aprovação da Lei 10.216, denominada Lei Paulo Delgado, a Reforma Psiquiátrica se consolida. A nova legislação determinava o fechamento gradativo dos hospitais psiquiátricos, o respeito a normas preconizadas de internação e cuidado para os ainda existentes, e a substituição destes por uma rede integrada de atenção à saúde mental. Toda uma rede de serviços destinados ao atendimento aos portadores de transtornos mentais passou a ser implantada, tendo como serviço de referência e principal equipamento o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Apesar de tais transformações, o pesquisador-caminhante se dá conta de que não apenas muros visíveis fabricam modos de exclusão nas tramas da produção da diferença no contemporâneo. Mesmo com reformas, paredes invisíveis insistem, violentam e normalizam corpos que se querem desviantes. Aquela curiosa sentença – para internar - tão frequente no século XVII, ainda hoje aparece, embora de forma sutil entre humanismos respeitadores da diferença. Discursos psis extrapolam o âmbito da medicina e atravessam o corpo dividindo-o, porém não estilhaçam seus contornos; recortam-no, mas para manter sua totalidade, para um melhor agir sobre. Práticas totalizantes do passado não estariam totalmente soterradas, algumas forças continuam interpelando o cotidiano e solicitam atenção ao contemporâneo. Ele começava a estranhar aquilo a que se sentia tão ligado, o seu presente.

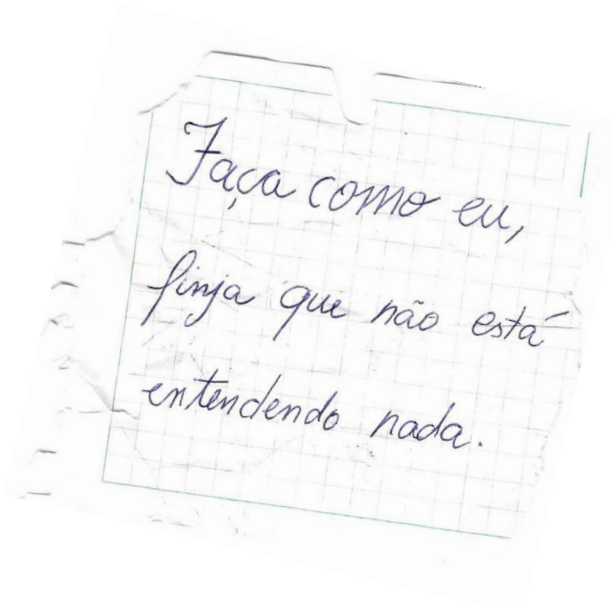
Naquela errância passava a estranhar seus próprios pés que o levavam para onde não sabia. Talvez fosse a única possibilidade já que quase tudo lhe parecia alheio. Aqueles encontros faziam-no pensar se algo estaria se dando ou se começava a perceber o que antes não conseguia. Agora caminhava de forma diferente, mais atento as coisas chãs, talvez encontros com mais restos pudessem produzir algo. Sua cidade deixava de ser apenas o cenário onde ele teria circulado durante tanto tempo. As ruas, passagens por quais passara e que seriam definidas somente por facilitar ou não a travessia. Agora a urbe o interpelava solicitando atenção ao que poderia irromper.

Depois de tanto caminhar seu corpo já não era o mesmo, ele ia se transformando no contato com aquelas histórias. Sua cidade também não seria a mesma. Cidades visíveis e invisíveis apareciam e desapareciam na medida em que seu olhar tornava-se outro. A série de coisas repetidas a respeito daquela cidade parecia não mais dar conta da cidade que ali pulsava e marcava seu corpo. Cidades-modelos, cidades-ditas, cidades-qualificadas esmoreciam diante de cidades-vivenciadas que se fazem no cotidiano, em meio às tramas e paradoxos do contemporâneo. Cidades outras tomam as ruas e crescem sobre o solo, aprisionando palavras que tentam abrangê-las em totalidades. Distintas Aracajus e Aglauras, múltiplas cidades invisíveis, permaneciam à espreita.

Entender a cidade como palco, como lugar passivo que somente facilitaria ou não a mobilidade humana, seria retirar seu caráter intensivo e engessá-la como paisagem. A cidade passava aqui a ser entendida não como puro assentamento objetivo,

mas como espaço heterogêneo atravessado por múltiplas forças e que possibilitaria a emergência de diferentes modos de relação em seu cotidiano. Espaço, contudo, onde lógicas biopolíticas visariam anular o potencial político da alteridade que ali mesmo é produzida. A urbe atua, portanto, como vetor de subjetivação e em seu espaço - lugar de tramas onde se dão inúmeros acontecimentos - distintos processos são ativados. O espaço urbano, agora poderia dizer, produzia e ao mesmo tempo era produzido por inúmeros modos de existência que transbordavam o tabuleiro de xadrez.

Ao seguir em sua caminhada, ele percebera que acabara de cruzar uma imensa avenida, olhava para trás e não via começo ou fim. Estava ao lado de um canal, mas por onde passava não um rio, mas esgoto. Restos daquele local de grandes construções escoavam ali. O cheiro desagradável destoava dos modernos e ostentosos prédios que abundavam naquela rua. Nela não havia espaço para mais nada, carros aos montes eram ali estacionados. Deparou-se com uma enorme construção, de cores claras e com brilhantes letreiros, na qual portas automáticas divisavam o que era interior do que era exterior. Avistou mais um pedaço de papel que estava ali na soleira impedindo que as portas se fechassem totalmente. Abaixou e pegou o papel onde estava escrito:



Sorriu rapidamente com aquilo que não lhe fazia sentido algum e guardou o bilhete no bolso. Neste momento desconfiou se não estaria fazendo parte de uma brincadeira ou teria se tornado personagem em uma história de detetive. Seriam rastros ou restos?

3. Encontros em um shopping

O ambiente fechado, climatizado e com iluminação artificial refletindo no piso claro e limpo gerava uma sensação de segurança e conforto que rompia de forma brusca com o lado de fora. O calor aos poucos ia abandonado o seu corpo e uma temperatura condicionada tomava conta. Aquelas portas automáticas pareciam interpor uma fronteira visando não deixar a rua entrar. Lá dentro dezenas de pessoas caminhavam produzindo um intenso barulho de vozes que não tinham para onde fugir.

Resolvera seguir em uma direção e no caminho avistara diversas lojas que bem enfeitadas convidavam a uma visita. Mais a frente, em um local central daquele espaço, um jardim fabricado e visualizado através de enormes e nítidos vidros indicava a exaltação da natureza. Famílias, casais de namorados, pessoas solitárias, encontravam o destino que, para a maioria, era de conforto e lazer; passeavam sem pressa e pareciam consumir sonhos vendidos em embalagens decoradas. Rostos sorridentes, vitrines com roupas da última estação, vidas a serem vividas nas grandes telas, redes de fast food, convidavam todos a se sentir bem e a consumir.

Aquele espaço parecia não possuir referências urbanas. Local simbólico de um período de exacerbado consumismo, o Shopping Center mostrar-se-ia, para alguns autores, como exemplo ideal destes espaços que se configuram no contemporâneo onde a normatização, a segurança e o consumo são os ideais mais almejados. Também tido como não-lugar⁴², está dentro da cidade, mas parece não querer fazer parte dela, uma vez que nele tentariam se apagar suas características. Tal espaço se desejaria indiferente à história local. Padronizado e, em muitos pontos, igual em qualquer parte do mundo, estes estabelecimentos quando ocupam um local marcado pela história usam-na como decoração, apropriam-se da história como um souvenir. Desta forma, o shopping seria “todo futuro: constrói novos hábitos, vira ponto de referência, faz a cidade acomodar-se á sua presença, ensina as pessoas a agirem no seu interior”⁴³.

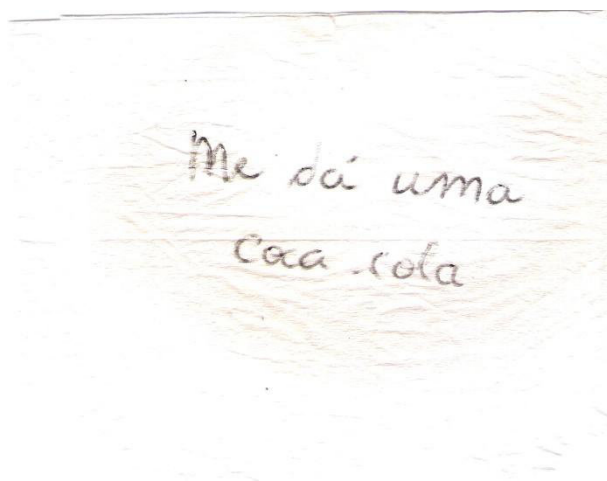
Ao lado daquele bonito jardim desenhado através de caminhos d'água e protegido por vidraças, onde a todo o momento as pessoas pousavam para fotos, encontravam-se

⁴² AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

⁴³ SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 17.

diversas lanchonetes e restaurantes, pequenas lojas onde se podia comprar o que comer e o que beber. Uma pequena placa indicava que ali era a praça de alimentação. Resolvera sentar, pois há muito andava e seu corpo começava a dar sinais de cansaço. Ao sentir alguns cheiros descobria que também sentia fome. Seria uma boa chance para um descanso, para sanar a fome e tentar colocar alguns pensamentos em ordem, se é que isso seria possível.

A mesa na qual sentara possuía um porta-guardanapo moderno com propaganda colorida de uma das redes de lanchonete presentes no local. Abaixo de tal objeto avistou mais um pequeno pedaço de papel dobrado. “O que traria?”. Nele, escrito a caneta preta, se delineavam letras que davam a entender:



Ria desconcertado novamente. Veio ao seu pensamento que não seria uma má ideia tomar uma bebida daquela gelada acompanhada de algo para comer. Mirou a sua frente e escolheu aquela vitrine gastronômica que mais lhe agradara no momento. Contudo, antes de se levantar, uma senhora que trabalhava na limpeza do local e recolhia a bandeja da mesa ao lado perguntara a ele amigavelmente o que o fazia rir assim “meio sem graça”. Sem saber o que responder, mostrou a ela o pequeno bilhete. Ela, ao ler o que estava escrito, num misto de curiosidade e susto indagou-o com um olhar. Aquele bilhete, disse, a remetia a um outro tempo e lhe fazia lembrar de outra pessoa...

*

Com suas diversas sacolas de compras e presença constante naquele local, ela poderia passar despercebida como as centenas de pessoas que circulam todos os dias nestes tipos de estabelecimentos. Porém, a sua aparência incomum e o seu silêncio a retiraram do anonimato. O rosto coberto por diversas camadas de base escondiam seus traços e contrastavam com a pele morena que se deixava entrever pelo seu pescoço. Aquela face mesmo coberta parecia carregar muitas marcas. Com cabelo crespo, penteado singular, roupas gastas, muitas vezes blusas sobrepostas a outras e uso constante de óculos escuros, passeava pelo ambiente higienizado destoando do padrão estético da maioria de seus frequentadores. Devido a sua presença quase diária não demorara muito para ser dito pela cidade que uma senhora com um visual extravagante circulava pelos dois shoppings da cidade.

Passeava pelos estabelecimentos frequentemente com sacolas plásticas em mãos ou em um carrinho de compras. Algumas pessoas afirmavam com certo espanto que ela teria dinheiro, que deveria possuir alguma fonte de renda. Constantemente lanchava ou almoçava lá, fazia compras no supermercado e aos poucos se tornava conhecida pelos funcionários do local. Tranquila, andar vagaroso, quase não falava, comunicava-se algumas vezes através de bilhetes. Normalmente bilhetes já prontos e que em algumas ocasiões, quando interrogada, eram entregues, mesmo sem fazer algum sentido para quem a estava interrogando. Usando quase sempre as mesmas roupas, podia-se sentir próximo a ela um acre odor, talvez devido a grande quantidade de base usada no rosto.

Aquela estranha personagem provocava curiosidades e aos poucos se tornava figura folclórica na cidade. Histórias sobre sua vida começavam a surgir. Procuravam produzir uma narrativa linear na tentativa de explicar aquele modo de ser. Muitos jovens pediam para tirar fotos juntos a ela. Alguns queriam saber de sua vida e aproximavam-se com perguntas, na maioria das vezes estes eram rechaçados. Não demorara muito e ela passou a gerar também incômodos no local. Certa vez, um segurança do shopping a teria convidado a se retirar.

Passava assim aos poucos a ser conhecida por todos, quem não a conhecia ao menos *ouvira falar. Recebeu o apelido de “velha do shopping” e logo depois ganhou até*

comunidades em sites de relacionamentos – “*Vocês já viram a velha do shopping?*” - notícias em jornais locais e, posteriormente, ganhou até uma música. Mesmo nada dizendo passava a ser um espetáculo.

Curiosos e jornais passaram então a especular uma história de vida para ela, buscando um “*sentido*” para aquilo que viam. Já diziam que ela seria enfermeira e também teóloga, e que há cerca de oito anos um acontecimento trágico em sua vida - a morte de *alguém próximo*, “*parece que sua mãe*” - teria deixado-a “*desorientada*”. Contavam que ela teria ficado vários dias com o corpo da pessoa morta em casa. Entre sentimentos de repulsa, pena, medo e curiosidade, ela tornava-se figura popular.

O Ministério Público fora acionado por familiares e vizinhos que acreditavam que ela pudesse causar algum problema para as pessoas nos lugares que frequentava, ou até para si mesmo. Ela estaria afastada da família há algum tempo e precisando de cuidado, alegavam. Sua história chegava então a Rede de Atenção Psicossocial (REAP) do município, solicitava-se que pudessem fazer uma avaliação do caso e produzissem alguma intervenção.

A equipe do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) responsável pelo território na qual ela se incluía, junto com outros trabalhadores da rede, reuniu-se diversas vezes para análise daquela demanda. Descobriram que ela havia sido internada compulsoriamente em clínicas psiquiátricas duas vezes antes e, por isso, não queria contato com nenhum serviço de saúde mental; ela negava-se a ir ao CAPS. Após estes dois episódios de internamento ela teria expulsado alguns parentes que moravam com ela e se afastado da família. Disseram que ela havia desenvolvido uma mania de perseguição depois das duas internações.

Uma série de estratégias foi pensada pelo coletivo visando um maior contato e, com isso, já a produção de algum cuidado. Pessoas da equipe se revezavam na aproximação: em almoços no shopping, circulando de ônibus pela cidade e tentando conversas sobre temas que lhe interessavam, como cinema etc. Após diversos encontros com ela e reuniões o coletivo dizia ao Ministério Público que ela era capaz de gerir sua

própria vida de forma autônoma. Porém, estrategicamente afirmaram o diagnóstico de transtorno mental, pois assim ela continuava de licença de seu emprego e ainda recebendo o seu ordenado. Já há algum tempo ela ia mensalmente ao posto de saúde que trabalhara como enfermeira para assinar o ponto e assim receber o salário, o que lhe garantia uma vida independente.

O Ministério Público determinou, a partir disso, que ela deveria frequentar o CAPS e comparecer ao local de trabalho mensalmente. Como ela não cumpriu a determinação, teve seu salário bloqueado, o que impossibilitava sua autonomia. Alguns familiares afirmavam que doido não poderia viver sozinho. Além do mais, sem cumprir a determinação do Ministério Público ela ficava sujeita a interdição e internamento, e o CAPS passava a ser responsável juridicamente por qualquer incidente que ela provocasse ou da qual fosse vítima.

Criavam-se um novo entrave e novas discussões para aquele coletivo. Eles conseguiram negociar com a justiça que seu salário fosse desbloqueado afirmando em troca que promoveriam o acompanhamento diário dela. Para isso, como ela se recusava a frequentar o serviço de saúde, iniciaram um trabalho de acompanhamento terapêutico no qual dois membros da rede, que eram apoiadores institucionais, se comprometeram a acompanhá-la diariamente. Um longo processo, envolvendo não só os dois apoiadores, se desenrolava a partir de então. O coletivo esforçou-se para aposentá-la, pois assim ela teria garantido seu salário todo mês. Como ela não ia aos serviços de saúde, conseguiu-se que uma psiquiatra fosse até ela, consultando-a no shopping, para que pudesse dar o laudo psiquiátrico que garantiria sua aposentadoria. No entanto, ela dizia não querer aposentar-se por invalidez, sua doença era a hipertensão.

Aos poucos, um maior vínculo foi sendo produzindo e uma relação de confiança se estabelecendo, na qual ela era informada a todo o tempo, pelos dois acompanhantes terapêuticos, do processo que estava acontecendo. Alguns funcionários do shopping preocupados queriam saber daquele pessoal da saúde o que aconteceria com ela. O Ministério Público insistia que ela deveria frequentar algum serviço de saúde mental.

Os dois acompanhantes perguntavam a ela o que deveriam fazer diante de tal demanda. Ela, uma vez, teria respondido que eles deveriam fazer como ela, fingir que não entendiam nada.

Perguntada certa vez sobre a quantidade de base que usava no rosto, disse que já tinha sido assaltada algumas vezes e que com aquela aparência ninguém mais a perturbava. Espiritualidades lhe protegeriam e lhe diziam o que fazer. Diziam-lhe o que comer, o que comprar e quando sair de casa, entre outras coisas. Outro dia ela abria suas sacolas plásticas que sempre carregava para o pessoal do CAPS. Dentro destas encontravam-se outras, cada uma com algum objeto: remédios, base para o rosto, receita médica, roupas. Sacolas que carregavam outras. Tudo bem compartimentado.

Porém, ela estava com um problema na perna e reclamava de uma dor de dente. Sua casa, onde ainda morava, estava com sérios problemas, incluindo o risco de desabamento do teto de um quarto. Algo somente descoberto após uma visita feita pelos profissionais da saúde tempos depois. Só depois de muito tempo ela abria a porta de sua casa para eles. O coletivo, depois de muita conversa e insistência, conseguiu então convencê-la que seria interessante ela passar a frequentar o CAPS - explicando que era um serviço de portas abertas - para que pudesse cuidar de sua saúde e também para evitar uma ordem de internação vinda do Ministério Público.

Antes de ela ir pela primeira vez ao serviço, quando os dois acompanhantes terapêuticos teriam conversado com ela sobre a pressão do Ministério Público com relação ao caso dela, de uma possibilidade dela continuar sua vida sem interferência, mas que para isso deveria camuflar alguns comportamentos, ela teria dito aos dois *acompanhantes terapêuticos*: “*vocês querem que eu finja, eu finjo*”. Fora, logo depois, sua primeira visita ao CAPS, na qual ela se recusou a ir na ambulância do SAMU que estava lhe esperando e fora de carona no carro dos apoiadores.

Após, então, dois anos de negociação, ela finalmente concordava em passar a visitar o serviço uma vez na semana. Iria para pegar medicamentos e se consultar com o

médico. Dizia, contudo, que não ali era seu lugar e recusava-se a participar das atividades que lá eram desenvolvidas em conjunto.

Teria voltado também a procurar, espontaneamente, a família e a morar com sua tia. Cortara o cabelo, adotara um visual mais comum e surgiu aos olhos da população como “normal”. Logo, ela apareceria à cidade com nova feição e os jornais publicavam informações sobre sua vida⁴⁴.

A mulher, que até então contava a história de maneira astuta enquanto continuava a trabalhar, pausou sua fala e caminhou até um pequeno móvel que ficava no canto daquela praça de alimentação, algo que parecia destinado a guardar os pertences de funcionários. Apanhou uma grande sacola e veio na direção dele, disse que gostava de recolher as coisas ali esquecidas, objetos perdidos e pedaços de histórias que remetiam a alguém que conheceria. Revirou a sacola e entre alguns jornais retirou um e lhe entregou dizendo “acho que é este”.

*

“Velha do shopping” muda de vida⁴⁵.

Força tarefa composta por profissionais da área de saúde da Prefeitura de Aracaju, familiares e membros da Igreja Assembleia de Deus foi responsável pela reviravolta já percebida por muita gente.

A teóloga e enfermeira formada pela Universidade Federal de Sergipe Maria José Menezes Santos – que durante anos atraiu a atenção dos aracajuanos pelo visual curioso que adotou

⁴⁴ Tal narrativa foi construída a partir de conversas com alguns trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial de Aracaju que acompanharam o caso de Maria José, de notícias de jornais, da experiência do pesquisador em sua cidade e ainda de dois artigos que abordaram sua história: BATISTA, G. C. & NOBRE, M. T. (2013). O caso “Estrela”: práticas de desinstitucionalização na Reforma Psiquiátrica. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 240-250; VASCONCELOS, M. F de F. de. MACHADO, D de O & MENDONÇA FILHO, M. C. Acompanhamento Terapêutico e Reforma Psiquiátrica: questões, tensões e experimentações de uma clínica antimanicomial. *Psicologia e Sociedade*. (No prelo).

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=84772&titulo=cidade>> Acesso em: 20/06/2011

andando pelos corredores do Shopping Jardins, sempre com sacolas de compras, um cabelo chamativo e muita base no rosto – virou uma página de sua história e mudou de vida. Além da iniciativa própria, a força tarefa composta por profissionais da área de saúde da Prefeitura de Aracaju, familiares e membros da Igreja Assembleia de Deus foi responsável pela reviravolta já percebida por muita gente.

Na última quarta-feira, a equipe de reportagem encontrou Maria José em um templo da Assembleia de Deus, que há cerca de dois meses ela passou a freqüentar uma vez por semana com a tia, Maria Elze Menezes Santos. Maria José preferiu não dar entrevista, mas autorizou a tia a contar sua história, que virou alvo de especulação até mesmo na Internet, em quatro comunidades criadas no Orkut. O martírio dela teve início há cerca de oito anos, quando ao chegar do trabalho se deparou com a mãe morta em casa.

A tia de Maria José contou que ela “ficou desorientada” com a situação e foi socorrida por vizinhos. Há quem diga que até esse socorro chegar passaram-se dois dias. “Não teve nada disso. Ela nunca passou dias com minha irmã morta dentro de casa. Mas é verdade que depois da morte da mãe minha sobrinha mudou”, contou Maria Elze. Apesar de toda a atenção dispensada por tios e sobrinhos, Maria José se fechou em seu próprio mundo, sem aceitar a ajuda dos parentes. Chegou a ser internada por duas vezes em um hospital psiquiátrico, depois morou por um tempo na casa da tia Maria Elze e acabou voltando para casa acompanhada de outra tia.

“Ela botou minha irmã para fora e foi se afastando de todo mundo, inclusive do trabalho. Só Deus sabe quantas lágrimas a gente derramou por vê-la naquelas condições. O povo falava que a família não dava atenção. Eu orava muito pedindo a Deus para que um dia ela viesse à igreja comigo. Mas ela passou esses anos todos assim. A gente ia na casa dela e ela não abria o portão. Tem vizinhos que provam isso. Foi duro”, lembrou Maria Elze, deixando escapar algumas lágrimas.

A reaproximação com a família e o início da mudança começou

há pouco mais de dois meses. “Um pessoal da saúde abordou ela e levaram-na para o Caps. No outro dia ela foi lá em casa”, revelou Elze, referindo-se à equipe do Centro de Apoio Psicossocial da prefeitura. Nesse dia, vendo que ela estava mais aberta a uma possível ajuda, a tia resolveu jogar as roupas velhas da sobrinha no lixo e cortar o cabelo dela. “Quando a psicóloga chegou lá em casa no outro dia nem acreditava que era ela”, disse sorrindo Elze, que convidou Maria José para ir à igreja e ela aceitou.

Para a irmã Zélia Rocha, da Assembleia de Deus, a força de vontade de Maria José e a fé dos familiares foram os fatores responsáveis pela mudança. “Jesus faz a transformação. A gente é que não entende. Para Deus nada é impossível. Basta a gente abrir a porta que ele entra”, enfatizou irmã Zélia. Outra integrante da igreja disse que Maria José participa ativamente do Culto das Causas Impossíveis, lendo a Bíblia e acompanhando as músicas. “Para nós é uma felicidade muito grande acompanharmos a transformação dela”, acrescentou.

Acompanhamento

Profissionais da área de saúde mental da Prefeitura de Aracaju fizeram um verdadeiro trabalho de formiguinha para ajudar Maria José. O acompanhamento, mesmo a uma certa resistência e distância, começou há cerca de dois anos. “Conseguimos chegar perto dela pela primeira vez porque descobrimos que ela gosta muito de música e cinema. Isso favoreceu a aproximação. Mas também houve momentos de evitamento. Nossas conversas eram sempre no shopping”, revelou a psiquiatra e coordenadora de um dos Caps mantido pela prefeitura.

A abordagem foi lenta, mas progressiva. “Até que pudemos, em algum momento, falar sobre a existência do serviço. Foi estabelecida uma relação de confiança e respeito e ela aceitou ser acompanhada pela equipe”, lembrando que Maria José é uma pessoa muito culta e inteligente. A psiquiatra afirmou ainda que mesmo nos quadros mais agudos de problemas

psicológicos e exclusão social há recursos na área de saúde que podem reverter a situação de maneira bastante satisfatória.

Estereótipos

Assim como o personagem que foi atribuído à enfermeira Maria José, centenas de pessoas também sofrem com a criação de estereótipos. “Muitas vezes aquela pessoa está apenas refletindo uma expressão de medo e angústia. Isso está sendo mostrado agora na novela Caminho das Índias, pelo personagem Tarso. Ele é apenas um jovem que está saindo da adolescência, mas submetido a diversas tensões”, exemplificou a psiquiatra.

Para ela, os exemplos dados pela novela chamam a atenção da sociedade para problemas que estão perto de todos e que, muitas vezes, não recebem a atenção merecida. “A novela tem uma consultoria muito boa. Está mostrando que pessoas que estiveram adoecidas podem alcançar um nível de saúde e inclusão social muito positivo”, afirmou a psiquiatra.

*

Após estas notícias, a funcionária do shopping disse que pouco se ouviu falar dela. Morando com a tia ela estaria usando o seu salário para a reforma de sua casa, na qual vivera com sua mãe. Estaria bem. Vez ou outra ainda a viam passeando pelo shopping, mas muitos nem a reconheciam. A alguns, a quem ela conhecia, respondia o olhar com um breve sorriso.

A mulher então calou e ficou olhando para o teto. Disse que acabava de lembrar-se da primeira vez que tinha conversado com Maria José. Era hora de sua pausa - “descanso rápido, 15 minutos só pra tomar um fôlego” - e sentara-se em uma das mesas para beber um suco de laranja. De repente, aquela senhora que já conhecia de vista estava vindo em sua direção e falava com ela. Surpreendeu-se. Maria José dizia se lembrar dela de outros lugares e perguntou-lhe onde morava. Descobriram que moravam perto e tinham alguns conhecidos em comum. A mulher a convidou para sentar-se e tomar um suco junto com ela. Ela aceitou. Maria perguntava muito com uma fala sempre coerente, mas não gostava de responder a perguntas sobre sua vida. A

mulher que queria aproveitar a oportunidade para conhecer um pouco mais dela, para saber por que ela andava sempre lá e daquela forma, saber como ela estaria de saúde, não tinha sua curiosidade saciada. Quando questionada sobre si ela calava-se ou mudava de assunto.

Ele ouvia com atenção o que aquela mulher narrava. Já nem lembrava mais da coxinha na vitrine. Repentinamente ela cortou a narrativa dizendo que tinha que trabalhar na parte interior da loja, despediu-se bruscamente e saiu sem lhe dar a chance de agradecer e de se despedir. Ele nem perguntara o seu nome. Estava absorto com aquela história. Aquela vida encontrava seu corpo e de alguma forma mexia com ele.

Lembrou-se então que conhecera aquela mulher. “Claro!” A viu tantas vezes pelas ruas e no shopping quando ia ao cinema. Certa vez ele teria tentado aproximar-se dela e puxar conversa. Ela, que percebera a intenção, somente olhara para ele e sem dizer nada parecia deixar escapar: “não, não vai rolar”. Desde então não ouvira mais falar daquela senhora.

Resolvera sair daquele estabelecimento. Algo ali já o deixava incomodado, teve vontade de respirar o ar, mesmo que não puro, das ruas. Passou a caminhar rapidamente atravessando a multidão que falava e ria euforicamente. Sem olhar para nenhum daqueles rostos, apenas visualizava dezenas de pés a serem ultrapassados. Avistara uma primeira saída e quando conseguiu alcançá-la se deu conta de que já era noite novamente. Um mormaço de fim de tarde ainda pairava e invadia seu corpo causando uma sensação confusa de alívio e incômodo.

Na saída daquela enorme construção havia uma pequena banca de jornal com aspecto sujo e bem antigo. Um senhor de cabelos brancos sentado em um tamborete retirava da caixa jornais e revistas que pareciam ter acabado de chegar. Não costumava comprar jornais impressos, tinha se habituado a ver notícias e tudo o mais que lhe interessava em sites na internet. Porém, eis que se percebia passando os olhos naqueles jornais pendurados por pregadores em uma linha de náilon. Em meio a indicativos econômicos, escândalos políticos, anúncios culturais, fotos do último carro a ser lançado, o qual a manchete prometia tornar-se um sucesso, uma imagem lhe chamou a atenção. Não conseguia distinguir muito bem o que ali estava, era uma imagem escura. O jornal era de sua cidade. Forçou o olhar na tentativa de compreender aquela imagem

até que sentira novamente uma vertigem. A imagem que durante todo o dia vinha rápida a sua mente parecia estar ali estampada. Reconhecera aquele local, o viaduto, aquelas pessoas, o plástico preto, a bolsa, o guarda-chuva, a sacola plástica, o corpo.

*

'Velha do Shopping' cai de viaduto e morre⁴⁶.

Enfermeira aposentada, conhecida como 'Velha do Shopping' cai de viaduto e morre.

Por volta das 18h desta segunda-feira, 20, a teóloga e enfermeira aposentada, Maria José Teles de Menezes Santos, 62 anos, caiu do viaduto sobre a avenida Hermes Fontes, em Aracaju, e morreu. Maria José ficou conhecida como a “Velha do Shopping”.

De acordo com testemunhas, a mulher que passava por um tratamento psiquiátrico teria se debruçado na cabeceira do viaduto e se jogado.

Agentes da SMTT – Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito e Samu - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - foram acionados, mas quando chegaram já encontraram a enfermeira aposentada sem vida. O corpo foi levado para o IML – Instituto Médico Legal.

Maria José Teles enfrentou problemas psicológicos após encontrar sua mãe morta em casa. Após passar um período isolada da sociedade, adotou um visual extravagante usando muita maquiagem no rosto e passou a frequentar um shopping diariamente, daí surgiu o apelido “Velha do Shopping”.

Em 2009, Maria José foi levada por sua tia a uma igreja evangélica e deixou o visual extravagante para trás e começou a fazer um tratamento psicológico.

*

⁴⁶ Disponível em: <<http://emsergipe.globo.com/noticias/visualizar/164916/sergipe/Sergipe>>. Acesso em: 20/06/2011.

Ficou parado diante daquela imagem, até que o velho da banca perguntou se ele iria ou não comprar o jornal. Não conseguiu responder. Enfiara a mão no bolso e reparou que estava sem dinheiro. Pediu desculpas e saiu andando. Estava bem cansado, seu corpo carregado. Um turbilhão de sensações o acometera. Não conseguia entender muito bem o que acontecia. O sangue daquele corpo ainda estava pelas ruas. Quis ir pra casa e caminhava com o pensamento tomado por aquela imagem. Aquilo de alguma forma sacudia suas convicções, crenças, práticas, vontades, projetos.

Não sabe bem que caminho seguira, quando se deu conta já estava chegando a sua residência. Foi direto ao computador em busca de mais informações sobre o acontecido. Em vários sites locais a mesma notícia com aquela imagem se repetia, da mesma forma, parecia que uma era copiada da outra. A produção de informações era veloz. Diversos comentários de visitantes do site se encontravam logo abaixo do noticiado. Resolvera ler. Alguns se lamentavam, outros alegavam que ela deveria estar passando por uma depressão, alguém escreveu que “ela era doida mesmo e aí já viu né?”, uma menina dizia que era melhor que a tivessem deixado em paz desde a época que ela frequentava o shopping, que “era melhor louca que morta”, um rapaz perguntava de quem seria a culpa, um senhor argumentava que não há cura para loucura, uma senhora chamava a atenção para o fato de ter sido o segundo caso no mesmo mês de suicídio naquele mesmo viaduto e cobrava medidas da prefeitura, outra dizia que, por causa disso, era preciso mais segurança: “aquele viaduto necessitava de grades de proteção”.

Eram muitos os dizeres e ele não sabia o que pensar daquilo tudo. Percebia que olhavam para a imagem e a saturavam de sentidos, não permitindo o revide do olhar. Carregavam aquele corpo de ruídos não deixando espaço para mais nada.

Afinal, não será um dos traços fundamentais da nossa sociedade o fato de o destino tomar aqui a forma da relação com o poder, da luta com ou contra ele? O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra a sua energia, encontra-se efetivamente onde elas se confrontam com o poder, se batem com ele, tentam utilizar-lhe as forças ou escapar-lhe às armadilhas⁴⁷.

⁴⁷ FOUCAULT, 1992, p. 99.

4. Sobre rastros e restos ou sobre informar, narrar e estilhaçar

Haveria um caráter paradoxal no conceito de rastro, pois indica a ausência de uma presença e a presença de uma ausência. E mais, o rastro que se queria deixado pelo homem, na iminência do perigo de se dissolver em meio à multidão, nas modernas cidades capitalistas, e o rastro utilizado visando o não aniquilamento do passado, um uso político da história. Neste, os rastros serviriam para impedir que a barbárie de outrora não se perpetue no tempo presente, permitindo assim que os mortos sejam enterrados; o que possibilita não apenas o luto, mas a própria continuação da vida.

Segundo Walter Benjamin⁴⁸, o homem burguês, diante da ameaça de desaparecimento daquilo que garantiria sua identidade resguardada, buscava compensação e conforto na estabilidade de seu lar. Como se tornava quase impossível deixar rastros de si mesmo nas ruas, frente à multidão anônima que deambulava diariamente nas crescentes cidades-luzes, estes procurariam no aconchego de sua morada a proteção contra os temores urbanos, assim como a tentativa de manutenção daquilo que lhe seria próprio e individual. Como afirma o filósofo alemão:

Desde Luís Felipe, a burguesia se empenha em buscar uma compensação pelo desaparecimento de vestígios da vida privada na cidade grande. Busca-a entre suas quatro paredes. É como fosse questão de honra não se deixar perder nos séculos, se não o rastro dos seus dias na Terra, ao menos o dos seus artigos de consumo e acessórios⁴⁹.

Tomando as análises da noção de rastro em Benjamin, realizadas por Jean Marie Gagnebin⁵⁰, uma dupla apreensão desta imagem-conceito dar-se-á aqui: rastro enquanto indício e rastro enquanto resto. O primeiro aproximar-se-ia daquilo que o detetive recolhe na ânsia de fechar uma história linear, de compor um dossiê sobre algo ou alguém, vestígios de uma individualidade. O outro, de detritos, de restos de uma cidade ou de uma vida, daquilo que escapa e que pode interpelar o curso harmonioso da história; algo que serviria também para tensionar o tempo presente.

⁴⁸. BENJAMIN, W. Paris do Segundo Império. In: _____. Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁴⁹ Ibid., p.43.

⁵⁰ GAGNEBIN, J. M. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina. GINZBURG, Jaime (org.). Walter Benjamin: rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Seriam rastros ou restos tais escritos encontrados pelo pesquisador em sua errância? O uso dado a estes detritos poderia, assim, se aproximar ao do psicólogo-detetive, na procura de montar a veracidade dos fatos e construir um perfil, ou pode vir a servir para o estilhaçamento de limites individualizantes.

Inspirado pela historiografia benjaminiana⁵¹, a utilização de restos pretendida neste trabalho serviria para procurar “por aquilo que escapa ao controle da versão dominante da história, introduzindo na epicidade triunfante do relato dos vencedores um elemento de desordem e de interrogação”⁵². Ao almejar romper com as grandes narrativas lineares, através do uso de pequenas histórias, o papel do pesquisador se aproximaria ao do chiffonier, do trapeiro, figura que cata o lixo em que tropeça na cidade; deste modo, não pretende compor uma história oficial, mas, atento as coisas chãs, àquilo que escapa, recolher detritos que possam causar rasgos nas aparentes linearidades e nas cômodas convicções da história. Tal seria a proposta ao lidar com bilhetes, com restos de uma vida, e até mesmo com alguns discursos oficiais e com informações, pois, sabe-se, a cidade não é somente composta por detritos.

Arrisca-se outra questão: é possível tecer um narrar como uma produção de restos? Uma narrativa que não somente sirva-se de detritos, mas que possa desacomodar saberes instituídos e promover interrupções na história? Nesta direção, como dizer/escrever uma vida? Poderia o pesquisador das ciências humanas, no contato com o outro, escapar de procedimentos que conformam a vida atribuindo essências, definindo contornos e destinos previsíveis?

Ainda de acordo com o pensador alemão⁵³, o advento da imprensa, importante instrumento para a consolidação da burguesia, tornou a informação a principal forma de comunicação no mundo moderno e fora, junto com o fortalecimento do romance, um dos principais fatores que concorreram para o empobrecimento da arte de narrar. Tais

⁵¹ “O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas para no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o continuum da história”. (BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: _____. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994b, pp.230-231).

⁵² GAGNEBIN, 2012. p,33.

⁵³ BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

modalidades de comunicação, diferente da narrativa tradicional, possuiriam a necessidade de encontrar uma explicação real ou ficcional para o acontecimento. O romance partiria da procura de um sentido para a vida e traria em si a necessidade de concluir a história, já a informação, só teria valor no momento em que é nova e deveria ser plausível e controlável, compreensível por si só. O que não ocorreria com a narrativa, pois esta, advinda da tradição oral, não aspira a uma verificação imediata e é aberta a imprevisíveis desdobramentos.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. [...] Metade da arte narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação⁵⁴.

O extraordinário e o miraculoso atravessaram os relatos durante muito tempo na sociedade ocidental. O cotidiano, até certa época, teria acesso ao discurso apenas quando atravessado pelo fabuloso; ele era dito somente na medida em que continha um toque de impossível⁵⁵. Entretanto, no decorrer do século XVII, aquilo que fascinava justamente por ser indiferente ao verdadeiro e ao falso passa a ser substituído por formas de narrar que deveriam ilustrar a vida de forma a deixar entrever o que estaria escondido, aquilo que não seria evidente e, assim, diria de um sujeito psicológico. Nascia aí uma arte da linguagem que devia dizer o ínfimo. Como alega Foucault: “na viragem dos séculos XVII e XVIII, as relações entre o discurso, o poder, a vida quotidiana e a verdade se estabeleceram de um modo novo, no qual a literatura se encontrava também ela comprometida”⁵⁶.

A literatura, o jornalismo, a justiça, a ciência, todos estariam envolvidos nestas novas relações. Tais relações não estavam, portanto, descoladas de estratégias biopolíticas que, intensificadas e atualizadas de distintas maneiras, operaram produzindo uma malha ininterrupta de dizibilidade. Malha que pretende dar conta de cada pulsar de vida e ditar modos de se relacionar com si mesmo e com o mundo,

⁵⁴ BENJAMIN, 1994a, p.203.

⁵⁵ FOUCAULT, 1992.

⁵⁶ Ibid., p.124.

produzindo faltas, às vezes até excesso – excesso de identidade e de classificação - àqueles que desviam. Em tal rede, discursos fortalecidos pelo saber científico e reproduzidos em pequenas práticas no cotidiano citadino criam um domínio do tolerável, fazem falar e evocam para os corpos origens e destinos.

Profissionais do campo psi e demais pesquisadores das ciências humanas viriam a contribuir com tais práticas ao produzirem racionalidades sobre o homem, na tentativa de desvelar aquilo que seria a verdade, o imutável, intensificando um escrutínio individualizante e normalizador da vida. Observa-se que “nos escritos sobre a alma humana, a razão médica, psicológica ou jurídica faz falar o que antes era um possível silêncio, um provável ainda não, um por vir, um nada ou o que a luz da razão não suporta quando confrontada pelo seu próprio brilho. São textos de sequestro. Nas páginas sobre a psique, ou sobre os fora da lei ou da norma, histórias são contadas, dissipando a impertinência ou o incômodo do inominável”⁵⁷.

No ato de dar a voz, no falar sobre, muitas vezes carregado de humanismos e boa vontade, o inominável passa a tomar forma e adquirir uma designação. Atingidas pelas luzes da razão, vidas infames são sequestradas e dissecadas de modo que aquilo que pulsaria como força de diferenciação se esvazia, em nome de uma vontade de conhecer que violenta e as marca de forma definitiva. De encontros marcados por uma pretensa neutralidade, operadores do conhecimento saem ilesos, seus corpos permanecem intactos no embate com o outro, seus contornos ainda definidos, uma vez que, na maior parte, tais profissionais não permitem que aquilo que não tem nome desacomode seus rígidos limites e certezas.

Dito isto, uma questão se faz pertinente: “Estariamos, aqueles ligados às ciências humanas e sociais, condenados a uma espécie de fascismo brando consubstanciado num atravessamento narrativo identitário-normalizador? O fascismo de dizer do outro, pelo outro e, ademais, contra o outro – essa estratégia insidiosa e apequenadora da vida?”⁵⁸.

⁵⁷ BAPTISTA, L. A. Noturnos Urbanos: interpelações da literatura para uma ética da pesquisa. Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online), v. 10, p. 103-117, 2010, p.104.

⁵⁸ AQUINO, Julio. G. A (auto)biografia como estilística da existência: o caso de Santiago de João Moreira Salles. In: I Colóquio Nacional Michel Foucault: educação, filosofia, história - transversais, 2008, Uberlândia, MG. Anais do I Colóquio Nacional Michel Foucault: educação, filosofia, história - transversais. Uberlândia: EDUFU, 2008.

O pensador que discorreu sobre a constituição do sujeito em meio a relações de poder-saber indica saídas a tal lógica quando diz que o trabalho da filosofia, e aqui se estende ao trabalho do pesquisador, não seria o de descobrir verdades ocultas, mas o de diagnosticar o presente. Ou seja, conceber as forças que constituem a atualidade e ainda a movimentam. Michel Foucault, nas palavras de Artières⁵⁹, queria devolver ao presente ingenuamente silencioso e imóvel suas rupturas, sua instabilidade, suas falhas. Tudo aquilo que seria descartado pela história tradicional. Queria tornar visível o que está tão perto, tão ligado aos homens que por isso mesmo eles não percebem.

Ao apontar a potência dos escritos de Gilles Deleuze e Felix Guattari, Foucault tomou o *Anti-Édipo* como uma obra que se mostraria ético-política, apontando que seria um erro tomá-la enquanto uma nova referência teórica a que tudo englobaria. Tal livro seria contrário a todas as formas de fascismo que perpassam as práticas cotidianas; deste sutil fascismo que faz desejar o poder e que se incrusta no corpo de todos, mesmo daqueles que se querem revolucionários. Foucault afirma que, se pretendesse fazer de tal obra um guia da vida cotidiana, poderia ser proposto um determinado número de princípios, princípios que ele diz essenciais ao exercício de uma vida não fascista, entre eles: “preferir o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade”; “liberar a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante”; “não utilizar o pensamento para dar a uma prática política o valor de verdade” e “não se apaixonar pelo poder”⁶⁰.

Tais princípios não parecem simples de ser adotados, pois colocam em questão todo um modo de produção de conhecimento até então predominante. Poriam em risco o sujeito centrado do saber, já que ao lidar com a multiplicidade e a diferença os seus contornos são ameaçados. Porém, por isso mesmo, seriam indicativos de modos que se pode operar para ir de encontro a estes fascismos que atravessam toda a sociedade e comumente levam a procedimentos individualizantes, normalizadores e excludentes - mesmo que hoje estes tomem a forma de procedimentos inclusivos.

Outras pistas de como escapar de tais fascismos engendrados por relações de poder-saber são legadas pelo próprio Foucault, e também por Benjamin em seus escritos. Tendo em conta que a escrita da história não está descolada de certas práticas

⁵⁹ ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GROSS, Frédéric. Foucault: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

⁶⁰ FOUCAULT, M. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. – v. 1, n. 1 – São Paulo, 1993.

políticas⁶¹, ver-se-á como alguns usos da história podem interpelar modos fascistas no pesquisar e podem contribuir para uma outra postura ético-política frente à vida. É nesta direção que tais usos interessariam a escrita que aqui se delineia. Através de distintas historiografias vislumbra-se a recusa de narrativas “oficiais” - que trazem grandes acontecimentos, heróis e vítimas – e deste modo, a chance de encontrar no passado, mas também no presente, a possibilidade de um outro porvir.

Foucault, em *A vida dos homens infames*⁶², afirma logo de início que seu texto não constitui uma obra de história, mas uma antologia de existências. Seria uma coleção de vidas ínfimas achadas a esmo em livros e documentos. Ao recolher tais linhas oriundas principalmente de lettres de cachet, ele tencionava montar uma coletânea de vidas singulares, de vidas menores que foram transformadas em cinzas no contato com o poder. Vidas que só chegaram a ele devido a este contato, por terem sido iluminadas por esse feixe de luz. Tais existências seriam exemplos, mas “exemplos que têm menos de lições a seres meditadas do que de breves efeitos cuja força se desvanece quase imediatamente”⁶³.

O alerta de Foucault, “Isto não é uma obra de história”, chama atenção. Em outro trecho do mesmo escrito o autor diz que este não iria agradar aos historiadores: “livro de humor e puramente subjectivo?”. Foucault parecia antecipar as críticas a um texto no qual, segundo ele mesmo, a regra obedecida para a reunião dos “fragmentos de vida” fora nada mais importante que uma emoção, um certo assombro ou outro sentimento qualquer cuja intensidade era difícil de justificar naquele momento.

Tais ditos talvez constituíssem mais uma estratégia do pensador francês. A ele fora atribuída a figura do filósofo em perigo e sabe-se de sua astúcia em circular pela academia frente a modos engessados de pensamento e a críticas possíveis. Mas, além disto, tal alerta chama a atenção para os discursos que ditam o que deve ou não constituir a História. Por que, naquele momento em que Foucault escreve sua obra, um texto dizendo de vidas infames, reunindo relatos selecionados pela força de um sentimento que o acometeu, não compõe uma obra de história? E que história?

⁶¹ GAGNEBIN, 1994.

⁶² FOUCAULT, 1992.

⁶³ Ibid., p.90.

Foucault encontra em Nietzsche qual seria seu método historiográfico, a saber, a genealogia⁶⁴. O filósofo alemão faz uma crítica da história tradicional, história que compõe linearidades e que acredita na existência de uma verdade pura presente na suposta origem dos acontecimentos. No lugar de tal história, propõe uma “história efetiva”, ou seja, uma história que não se apoia em nenhuma constância – já que nada no homem teria tal característica – e que se demora nos acasos dos começos. Assim, em vez de acreditar na metafísica, o genealogista deveria fazer entrever que o que há por trás das coisas é “o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas”⁶⁵.

A genealogia estaria, portanto, interessada não na análise dos grandes feitos, muito menos na busca de uma hipotética origem para fatos, mas na singularidade dos acontecimentos, naquilo que estes teriam de único e agudo. O que interessa são os abalos, as surpresas, os acasos, os acidentes, que formaram o que hoje se toma por verdade. Além disso, o olhar desse historiador, para Nietzsche, deveria ser capaz de dissociar, de rasgar, de apagar até mesmo a suposta unidade deste homem que dirige seu olhar soberano para o passado.

O método genealógico pode servir, assim, como uma importante ferramenta para interrogar a aparente linearidade e calmaria daquilo que forma o presente. Serviria aqui como inspiração metodológica para uma pesquisa que se quer atenta as pequenezas do cotidiano e tenciona cortar aquilo que se mostra evidente, trazendo a loucura, a diferença e a cidade não como essências, mas como artefatos, como elementos constantemente produzidos por um jogo de forças que não cessam de se modular. A genealogia pode perturbar, deslocar, intensificar os abalos, uma vez que:

Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar. Ela aprofundará aquilo sobre o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensa continuidade. É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar⁶⁶.

⁶⁴ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, genealogia e a história. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979a.

⁶⁵ Ibid.

⁶⁶ Ibid., p.28.

Corte efetuado por Foucault em muitas de suas obras. Este filósofo, ao inserir os acasos e as contingências nas análises históricas, teria operado uma revolução neste saber. Na visão de Paul Veyne⁶⁷, a história proposta por Foucault seria constituída por raros modos de viver, por pequenos e raros objetos em diferentes épocas, por aquilo que escaparia ao discurso tradicional. No lugar da análise dos grandes nomes e dos grandes acontecimentos, ele descreveria as práticas, as raridades, ou seja, aquilo que realmente fazem as pessoas. Pois, como afirma, não são os objetos que determinam nossa conduta, mas sim nossas práticas que determinam os objetos.

Expor os acasos, trazer à tona as práticas e disputas que produzem a atualidade, conceber o jogo de forças que a constitui e não para de transformá-la, este seria o papel de um filósofo, atuar como um diagnosticador do presente⁶⁸. Sugere Foucault, deste modo, substituir o intelectual “universal” pela figura de um verdadeiro técnico da atualidade, que, ao invés de expor um discurso sobre os acontecimentos, atravessa-os fisicamente. Logo, outra relação com o seu tempo e com o corpo do pesquisador.

Por isso, as pesquisas foucaultianas partiam de elementos de sua própria experiência e possuíam um caráter de crítica local, uma vez que ele não visava à universalidade de seus ditos. Seu interesse era falar daquilo que atravessava o seu tempo, e isto poderia se dar através da insurreição de saberes subordinados, de conhecimentos locais, desqualificados pelos discursos científicos; saberes dos homens comuns, infames. Nesta direção, “a elaboração de certas narrativas (ou a luta pelo encerramento das grandes)” teria, para Rodrigues⁶⁹, “a possibilidade de se constituir em algo muito distinto de uma atitude blasée, desencantada ou quietista. Representa, ao contrário, valiosa inquietação em face do que é considerado dado, coerente, óbvio, lógico, previsível, evidente, funcional ou nobremente científico [...]”.

Foucault fora, assim, um dos filósofos que mais batalhou para incorporar a experiência a sua reflexão filosófica e historiográfica. Em entrevista ao jornalista italiano Duccio Trombadori, em 1978, Foucault⁷⁰ expõe que seus livros são, para ele,

⁶⁷ VEYNE, Paul. Como se escreve a história. In: VEYNE, P. Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

⁶⁸ ARTIÈRES, 2004.

⁶⁹ RODRIGUES, Heliana de B. C. Para desencaminhar o presente psi: biografia, temporalidade e experiência em Michel Foucault. In: GUARESCHI, Neuza. E HÜNING, Simone. Foucault e a psicologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, pp.18-19.

⁷⁰ FOUCAULT, Michel. Conversazione con Michel Foucault. Il Contributo, Vol. 4, nº 1, p. 23-84, jan./mar. 1980.

experiências em seu sentido mais pleno. Livros-experiência ao invés de livros-demonstração. De modo que os escrevia sem saber direito o que pensar sobre o que iria escrever, para neste empreendimento transformar o seu pensamento e a si mesmo.

Pretendo, isso sim, fazer, eu próprio, e convidar outros a fazê-lo comigo, uma experiência do que somos através de um determinado conteúdo histórico, daquilo que não apenas é o nosso passado, mas igualmente o nosso presente, uma experiência da nossa modernidade de tal maneira que dela saíamos transformados⁷¹.

Uma experiência do que somos e do que estamos nos tornando, Foucault também irá dizer.

Aproximar-se-á aqui, de forma sucinta e sem pretensão de estabelecer sinonímia, a noção de acontecimento, inferida de discussões de Blanchot e Deleuze, a de experiência, como é referida por Foucault e de forma não muito distante por Jorge Larrosa. Experiência não como aquilo que somente acontece, mas que se passa com, acontece com aquele que se expõe aos acasos e, neste movimento, acaba sendo transformado⁷². Algo que se configuraria como um processo de “des-subjetivação” para Foucault⁷³. É neste sentido que o pensador francês almejava fazer de suas obras livros-experiência. Pois não pretendia expor discursos sobre algo ou elaborar um sistema geral de análise do mundo, mas, ao atravessar os acontecimentos, produzir uma escrita-arma para a emergência de outras relações com o já dado.

Experiência que estaria cada vez mais impossibilitada em um mundo saturado por uma enxurrada contínua de fatos e informações. Ideia quase apocalíptica trazida por alguns autores. “A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” expõe Larrosa⁷⁴, claramente tomando como interlocutoras análises feitas por Walter Benjamin em alguns de seus textos. É possível, entretanto, como afirma Georges Didi-Huberman⁷⁵, inspirado pelo próprio Benjamin, e como se verá mais adiante, fazer deste mesmo empobrecimento uma experiência, não tomando o declínio da experiência

⁷¹ FOUCAULT, 1980, p. 27.

⁷² BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002.

⁷³ FOUCAULT, 1980.

⁷⁴ BONDIA. 2002.

⁷⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

como um fim e sim como movimento, como um processo que não impediria as ressurgências.

Constituir uma experiência seria, portanto, se “expor” a um acontecimento tomando-o em sua possibilidade transformadora, sem amortecer sua capacidade de deslocar. Acontecimento como aquilo que pode retirar de um embevecimento em si mesmo e provocar uma ruptura numa dada ordem comum das coisas. Algo singular que irrompe e assim pode produzir estranhamentos com relação a aparente naturalidade do cotidiano. John Rajchman⁷⁶, com relação à noção de acontecimento na obra de Deleuze, afirma: “O acontecimento não chega nunca ao sujeito; é por isto que o sujeito se torna outro que aquele que ele é. [...] É sempre o distanciamento de si e não a identificação de si que nos acontece. O acontecimento não chega nunca ao nosso “espírito” ou ao nosso senso comum, mas ao nosso outro devir”.

Acontecimento que, para Albuquerque Junior⁷⁷, os historiadores poderiam aprender a valorizar com Franz Kafka. O historiador brasileiro concebe alguns atravessamentos interessantes entre as narrativas do escritor tcheco e os escritos foucaultianos. Foucault, assim como Kafka, produziria histórias abertas, histórias que não findam em si mesmas e se abrem a um futuro incerto; histórias, portanto, que, como as narrativas tradicionais, comportariam diversos desdobramentos. Além disso, o ponto de partida de suas narrativas seria sempre um acontecimento, logo, uma prática que se altera e se diferencia da ordem. E seria através desta ruptura, de um singular acontecimento, que ao desviar instala uma descontinuidade na aparente “ordem natural” do mundo, que se pode perceber aquilo que é contínuo, a uniformidade das estruturas que conformam o homem comum. Tal evento inaugural que coloca a história em movimento - um jogo de forças que se subleva, uma morte, a metamorfose de um homem em um inseto – estaria, assim, sempre ligado a outros acontecimentos.

Este fato que se passa no mais íntimo dos cômodos de uma casa, o quarto, que parece ser apenas um acontecimento interior a uma vida, a uma família, a uma residência, vai deixando entrever conexões insuspeitas com processos externos, processos que se

⁷⁶ RAJCHMAN, John. Lógica do sentido, ética do acontecimento. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.) Dossiê Deleuze. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991, p.61.

⁷⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. No castelo da história só há processos e metamorfoses, sem veredicto final. In: PASSETTI, Edson. Kafka, Foucault: sem medos. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

passam em outros lugares, que se passam em outros tempos, que se passam com outras personagens⁷⁸.

Kafka e Foucault falaram, portanto, do intolerável do seu tempo, do peso das identidades e burocracias a que o homem comum é submetido cotidianamente. Discorreram sobre um mundo onde a disciplina age nos corpos dos homens de forma semelhante à ação das finas agulhas de cristal, que inscrevem na carne dos presos suas sentenças, narrada no conto Na colônia penal. Por isso, são muitas vezes acusados de descreverem situações-limites onde suas personagens são arrastadas por estruturas de poder das quais não têm consciência. Não à toa, o termo kafkiano é utilizado para narrativas consideradas absurdas onde o personagem não se dá conta do que está acontecendo e parece não conseguir escapar.

Contudo, para eles, estas estruturas não seriam determinantes, pois elas não impedem que por uma mínima prática se produza um acontecimento desviante, que um simples acaso possa instaurar novos processos e fazer com que os sujeitos possam se metamorfosear. Ambos os pensadores indicam, portanto, a possibilidade de encontrar frestas, da construção de saídas para outros mundos possíveis⁷⁹. Na esteira destas ideias, argumentariam que uma das tarefas do pesquisador é estar atento aos acontecimentos, estar atento às interpelações do seu tempo.

“Vocês não têm o direito de menosprezar o presente”, é o que diz Charles Baudelaire aos pintores de sua época. Baudelaire exemplificaria uma atitude de modernidade, afirma Foucault⁸⁰, não por pertencer inteiramente ao seu tempo, mas por estabelecer com este uma atitude de distanciamento que o permitia perceber aquilo que há de “heroico” nele, ou seja, permitia transformá-lo captando-o naquilo mesmo que ele é. Tal relação diferenciada com o presente surgiria no pensamento filosófico pela primeira vez com Kant, quando ele relaciona suas reflexões críticas a uma análise sobre o momento singular em que estava vivendo. Seria em um texto menor, em uma resposta a pergunta “Was ist Aufklärung” (O que são as Luzes?) de um jornal berlinense, que

⁷⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, 2004, p.16.

⁷⁹ Ibid., 2004.

⁸⁰ FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: _____. Ditos e escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Trad. Elisa Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Kant proporcionaria um esboço do que o pensador francês chamou de atitude de modernidade⁸¹.

A modernidade deixa então de ser percebida como um período e passa a ser entendida como uma relação que se deveria estabelecer com o seu tempo. É a partir desta atitude que poderíamos conceber o que somos - o que somos não como identidade, mas enquanto sujeitos históricos constituídos por determinadas práticas. Este êthos filosófico permitiria, assim, uma crítica daquilo que somos e daquilo que estamos nos tornando; crítica que seria ao mesmo tempo “análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível”⁸².

Poder-se-ia dizer, portanto, que Kafka e Foucault foram modernos. Eles evocam a atenção para os acontecimentos que podem irromper no cotidiano e que assim podem questionar mundos. Tais pensadores produziram histórias escritas do ponto de vista dos homens mergulhados em seu cotidiano, histórias que possuem sujeitos menores, anônimos, não heróis aos quais se voltam os holofotes da história tradicional. Infames que podem interromper verdades imaculadas da história.

As ideias de Walter Benjamin acerca da história e da narrativa também se aproximam desta interrupção. Pois, para o autor, as melhores narrativas seriam aquelas que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Homens comuns, a exemplo do camponês sedentário que conhece as histórias de seu país e do marinheiro que traz na bagagem histórias de mundos outros e, através de suas experiências, narram vidas.

E mesmo ao discorrer sobre o empobrecimento da arte de narrar, devido a raridade de se constituir uma experiência em seu sentido pleno – dada as condições de vida nas nascentes metrópoles capitalistas⁸³ – em detrimento de uma outra forma de experiência, a experiência vivida característica do indivíduo solitário, Benjamin não adota um tom de lamentação pelo que se perdeu. Ele afirma um declínio da experiência

⁸¹ FOUCAULT, 2008.

⁸² Ibid., p.351.

⁸³ Tais características que concorreriam para o declínio da experiência, presentes no capitalismo moderno - como os ritmos de trabalho e a ausência de uma tradição e estilo de vida comum entre os homens – seriam atualmente, com algumas modulações intensificadas, pois como escreve Neves: “O modo de produção capitalista, hoje, materializa-se não só em toda a sociedade e em todas as relações sociais, mas também, e, primordialmente, no governo da “natureza humana” e da vida em sua virtualidade. Os afetos, o conhecimento, o desejo são fortemente incorporados ao atual regime de acumulação capitalista” (NEVES, Cláudia A. B. Pensando o contemporâneo no fio da navalha: entrelaces entre desejo e capital. In: Lugar Comum. Rede Universidade Nômade. v. 19/20, p.135-157, 2004, p. 139).

enquanto processo e não sua impossibilidade. O próprio autor cita em sua época dois exemplos da possibilidade de experiência e narratividade, mesmo que não as tradicionais, com Proust e Kafka.

Deste modo, aproximando-se da figura do narrador, o historiador, para Benjamin⁸⁴, deveria fundar uma experiência com o passado. Ao invés de propor uma história linear onde um passado homogêneo e vazio desembocaria em seu presente, ele deveria ser capaz de perceber os indícios de uma outra história; tornando o presente repleto de “agoras”, de momentos singulares nos quais o encontro do passado com o tempo presente pode produzir outros porvires. Tal historiador, portanto, não concebe a história como uma concatenação de fatos ligados por um nexos causal que se encaminhariam em direção a um futuro “glorioso”, ele constitui com o passado uma experiência única e faz, assim, “saltar pelos ares o continuum da história”.

*

A aliança com tais pensadores contribuiria para a recusa de uma história, e também de uma produção de conhecimento, asséptica e acomodada aos grandes discursos. Eles remetem a importância daquilo que escapa, dos restos, do que passa despercebido de tão próximo que está. O uso da história, a utilização de bilhetes, de informações e discursos como detritos podem intensificar, portanto, uma aposta política de pesquisa que se dá no campo dos estudos da subjetividade. Aposta que pretende afirmar a potência disruptiva que é capaz de irromper em encontros com a cidade, com a diferença e no próprio caminhar de uma pesquisa, vulnerável aos acasos e que se faz atenta ao presente - em meio ao campo heterogêneo de forças que o constitui.

Nesta direção, querer intensificar breves efeitos de uma história singular visa fazer com que tal narrativa possibilite entrever forças que atuariam aniquilando o vigor político da alteridade, e que, ao fazer isto, sirva para tensionar formas engessadas de pensar o outro e a cidade, bem como fascismos que se dão na produção da diferença no contemporâneo.

Tal contexto, logo, se distanciaria da produção de informações. O uso de cenas do cotidiano e a utilização de notícias como fonte para o trabalho não se propõe a um

⁸⁴ BENJAMIN, 1994b.

acúmulo de verdades do mundo as quais digam o que somos, enquanto identidades, ou nos deem uma aterradora visão das misérias de nosso tempo. Uma abordagem jornalística ao lidar com acontecimentos, algo deveras recorrente hoje, poderia amortecer a sua capacidade de deslocar, de retirar o sujeito de si. Correr-se-ia o risco de transformar acontecimentos singulares em fatos necessitados de verificabilidades e explicações, as quais por diversas vezes são solicitadas aos “portadores do conhecimento” - a exemplo de profissionais “psi” que no contato com a vida e com a morte acabam gerenciando a ordem e a moral, retirando a possibilidade da criação de outras maneiras de existir e produzindo mais sujeitos para o rol das vitimizações.

Na trilha de Kafka e Foucault seria possível esboçar modos de dizer o mundo que não aspiram à verdade e que não portam em si um fim alcançável, narrativas “abertas”. Dimensão que, segundo Gagnebin⁸⁵, parece fundamental na obra de Benjamin e que estaria presente na estrutura da narrativa tradicional: um certo “não-acabamento essencial” onde cada história é o ensejo para uma outra história. Bem como, investir na produção de uma escrita que possa falar do contemporâneo, mas sem a intenção de ilustrar ou representar, um falar que seja cortante. Um uso de cenas, mais do que cenas, de acontecimentos que interpelam, que possam estilhaçar os limites do particular permitindo estabelecer conexões com acontecimentos outros, assim como as narrativas kafkianas.

A história, os distintos “usos” do passado, podem ser aliados de tal aposta no sentido de possibilitar a emergência de formas outras de narrar e de se apropriar do passado, tomando-o não como homogêneo e vazio, mas fundando uma experiência com ele, tornando-o, assim, repleto de “agoras”, de acontecimentos inusitados que podem tensionar o presente. A cidade, a diferença, o pesquisar e o próprio presente adquiririam assim um caráter processual onde suas variadas “formas” podem explodir e abrir caminho para outros modos de relação. Entende-se que:

As cidades de nossos dias, como as do passado, são territórios de fecundos conflitos, experimentações, lugar onde se produz a face do diverso, do estranho, do familiar, do estrangeiro. Local ao mesmo tempo de fabricação de práticas para acolhê-los, dar corpo

⁸⁵ GAGNEBIN, 1994.

às suas faces ou dissipá-los. Porém, sem o uso da História, essa rica usina urbana perderá sua força, transformando-se em cenário⁸⁶.

Voltar-se ao passado, portanto, pode dizer respeito ao tempo atual e ao futuro, pois não se trata de conhecer o passado como ele de fato foi, mas de “apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo”⁸⁷. Trata-se de estar atento aos restos da história que podem desacomodar o presente em um momento singular e concorrer para a emergência de um outro porvir. Remete, por conseguinte, a uma relação de contemporaneidade com o presente, relação que permite que ao mesmo momento em que o pesquisador se distancie de seu tempo o possa apreendê-lo de maneira crítica e transfiguradora.

Tal atitude requereria, segundo Giorgio Agamben⁸⁸, coragem e a capacidade de, mediante o excesso de informações e de luzes que ofuscam os olhos, apreender nessa mesma luz aquilo que existe de obscuro, de inominável. Escuro que diria, na verdade, de uma luz que vem até nós, mas que nunca nos alcança. Assim,

O contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma de seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora⁸⁹.

A produção de uma determinada narrativa pode se apresentar como um meio de potencializar uma atitude de contemporaneidade, mostrando-se como encaminhamento metodológico para o engendramento de uma pesquisa que não sirva a um ideal normalizador, mas que seja sensível às interpelações cortantes do agora. Longe das perspectivas que acreditam possível um “falar de” distanciado e observador - em que o corpo do pesquisador é imune às interpelações do outro -, e de um narrar fiel a fatos e interessados em verdades que seriam reveladas através da fala do outro, a escrita de vida

⁸⁶ BAPTISTA, Luis Antonio. A Reforma Psiquiátrica e a Presença da Cidade. In: _____. A cidade dos sábios: Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus, 1999, p.123.

⁸⁷ BENJAMIN, 1994b, p. 224.

⁸⁸ AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

⁸⁹ Ibid., p. 72.

aqui proposta confabula, atenta às pequenezas e às possibilidades de abertura de um narrar com. Aposta em um desmanchamento de formas ao invés da formatação de um corpo. Uma política do pesquisar onde não se quer criar limites, mas estilhaçá-los.

Confabula no sentido do fabular junto, já que a escrita, ou o narrar uma vida, é sempre algo fictício e só possível em um encontro. É algo que, como a narrativa tradicional para Benjamin, se faz junto e na qual quem ouve, ou escreve, é tão importante como quem conta. Daí emergiria nem um eu, nem o outro, mas um terceiro, um corpo que os habita e que difere.

Sobre a escrita de uma vida, o “bio-grafar”, afirma Costa:

Trata-se de misturas de corpos, na relação entre o corpo do escritor com o corpus da obra, ou o que se trava na fronteira entre os dois: lutas, rapinas e pactos diabólicos. Disto resulta sua política do abandono, na dissociação do Eu soberano, fazendo-o pulular no vazio pleno que é sua constituição – Deleuze e Guattari falam em corpo sem órgãos. Nem o grande Eu do biógrafo, tampouco a figura sacra do Eu a ser biografado⁹⁰.

Tratar-se-ia, ao lidar com livros, fotos, entrevistas, documentos, conversas, rastros, de outros usos, tomando-os não como elementos para compor um dossiê, mas como um conjunto de signos soltos “prontos para pontilharem outros rostos”⁹¹. Tomá-los como restos, signos deixados sem intenção de serem pistas e que frustrariam as expectativas daqueles afeitos a totalidades. Restos para uma narrativa que se quer singular, mas que, neste mesmo caminho, possa cortar aquilo que a prende a uma vida e permita a ela dizer de forças que acometem o contemporâneo.

⁹⁰ COSTA, Luciano Bedin. Estratégias Biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011, p.71.

⁹¹ Ibid., p.34.

5. A mulher que tentou se desfazer: reverberações de um corpo na cidade

Compreende-se, então, que uma experiência interior, por mais “subjetiva”, por mais “obscura” que seja, pode aparecer como um lampejo para o outro, a partir do momento em que se encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão.

Didi-Huberman, A sobrevivência dos vaga-lumes.

Loucura, cidades, corpos, histórias, diferença, informações, narrativas, acontecimentos. Tais imagens produziram impactos no corpo do pesquisador-caminhante, semelhantes talvez às sensações físicas que Michel Foucault experimentou ao ler aqueles tantos fragmentos de vidas infames. Detritos, restos de vidas comuns que só chegaram a ele devido ao encontro com o poder, por terem sido retiradas da noite de onde talvez nunca devessem ter saído. Noite não como o lugar de criaturas obscuras e assustadoras, mas como espaço do inominável, lugar onde os limites são permeáveis e pode se dar a criação. Noite na qual vaga-lumes⁹² poderiam ser vistos.

Na cidade que poderia ser outras, as luzes da razão incidiram sobre um corpo exigindo confissão. Em seu shopping mais frequentado, a diferença que a loucura coloca em cena, de alguma forma, perturbou o espaço que se desejava previsível. A aparência daquela mulher maculava a assepsia e a atmosfera harmoniosa do local. A rua, figurada pela sua imprevisibilidade e pela possibilidade de encontros que propiciaria, invadiu o interior higienizado e insistiu em turvar aquele espaço que desprezava as misturas da cidade.

Aquela que até determinado momento não teria nome nem voz passou a ser “dita”, e logo mais a fariam falar. A loucura, “explicada”, começava a habitar o shopping. O silêncio da mulher, que muitas vezes preferia usar bilhetes, gradativamente era emudecido. Depois de espetacularizada diziam que ela deveria ser cuidada e, assim, ela atravessava a emaranhada malha do poder. Para internar insistia sub-repticiamente. Maria José Menezes dos Santos, 60 anos, teve parte de sua vida capturada e exposta. Uma história linear carregada de explicações e contornos era produzida.

⁹² “Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. Ainda que por pouca coisa a ser vista: é preciso cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à de uma única vela.” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.52).

Ao escreverem diversas linhas sobre a sua vida e articularem possíveis motivos para o seu “surto”, ela deixava de ser a estranha anônima para tornar-se a mulher vulnerável que sofria, portadora de transtorno mental. Os espaços e pessoas não suportavam a mácula daquela diferença. Claras fronteiras a esta começavam a ser delimitadas. Maria José era incitada a confessar o que era, a despossuir a potência do seu silêncio. No contemporâneo, como afirma Deleuze, o falar seria constantemente evocado, “de modo que o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer. As forças repressivas não impedem as pessoas de se exprimir, ao contrário, elas as forçam a se exprimir”⁹³.

Faziam-na, deste modo, ruidosamente falar. Uma “força-tarefa”, composta de profissionais da saúde, familiares e uma igreja evangélica, em breve seria a responsável pela “reviravolta” em sua vida. Ela estaria sendo “curada”. Os muitos ruídos talvez a impedissem de continuar ouvindo as espiritualidades que lhe diziam o que fazer e que ninguém mais escutava. Silere e tacere⁹⁴, o silenciar e o calar-se, ocupavam os traçados de Aracaju. A partir deste momento, a escrita de sua vida ia deixando o âmbito jornalístico; sua história deixava de ser novidade e o frenético fluxo de informações continuava a ser alimentado. Sua vida começava a adquirir mais o aspecto cinza dos arquivos da justiça e da psiquiatria. Ela estaria mais incluída na rede. Alguns humanistas respeitadores da diferença se apaziguavam com a inclusão.

Sua aparência, agora “comum”, parecia não despertar mais a curiosidade de todos, livrara-se, pelo menos em parte, do peso dos olhares. Na tarde do dia 20 de junho de 2011, talvez caminhasse sem ser notada em meio à multidão anônima da cidade. Não se ouvira falar de encontros com ela, de que tenha sido vista em seu percurso. Ela teria ido ao shopping neste dia. Uma sacola, com uma blusa comprada em uma das lojas do shopping, fora encontrada ao lado de seu corpo. A subida de tantos metros não deve ter sido rápida, seu andar era vagaroso, causava um descompasso no ritmo acelerado da cidade. Além disso, os automóveis não cessam de cruzar o elevado no qual não há passagem para pedestres. A cidade grita ao fim da tarde, era o horário do rush. Talvez, alguns tenham estranhado uma pessoa a caminhar por ali. Será que fora notada? O

⁹³ DELEUZE, Gilles. Os intercessores. In: Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992, p.162.

⁹⁴ BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tais ideias serão retomadas mais adiante no texto.

guarda-chuva que fora encontrado ao seu lado, quebrado, estava aberto. Será que, por se acreditar mais leve, o guarda-chuva a ajudaria a voar para outro lugar?

Dois anos após as luzes dos holofotes da cidade terem diminuída a força de sua incidência sobre ela, o imprevisto aconteceu questionando mundos. Seu corpo carregado de dizeres caía solicitando atenção às tramas da produção da diferença no contemporâneo. Especulou-se novamente. Agora sua morte era o alvo. Ao saber da notícia muitos demonstraram preocupação com a insegurança, já que não seria o primeiro caso do ano de suicídio naquele viaduto. Solicitavam uma grade de proteção nos viadutos para que episódios assim não mais ocorressem. Perguntas, pena, lástima, choque, aturdimento, compaixão, pedidos por segurança. O barulho do corpo ao chocar-se com o chão fora ouvido de diversas formas... E uma vez mais pediram por segurança.

O pesquisador-caminhante fora aturdido com o impacto daquele corpo com o chão. O sangue se espalhou pela cidade e o impregnara. Tal acontecimento veio a intensificar o caráter processual de uma pesquisa que se faz ao caminhar. Provocou desvios no trajeto pretendido e interpelou entendimentos acerca da loucura, da cidade, da diferença. O excesso de ruídos produzidos, que a fizeram confessar, incomodou a impessoalidade de seu corpo e concorreu para o deslocamento de instituídos. Contudo, ao pretender falar de uma vida, outros atentavam para os riscos que poderiam se dar em seu caminho. Perigo que continua a espreita enquanto tal escrita se delineia e que exige cautela: como falar de uma vida sem fazê-la cair na mesma armadilha a que o poder constantemente a submete, como narrar sem espetacularizar⁹⁵ mais, sem inflar sua psicologização?

Em meados do século XVII, se encontrava, nos registros das casas de internamento, a menção “Quis desfazer-se”⁹⁶ referindo-se àqueles que teriam tentado o suicídio. Esta tentativa indicaria uma desordem da alma e deveria ser coagida. Tais

⁹⁵ De forma rápida, a noção de espetacularização a que nos remetemos refere-se a um modo de relação, recorrente no contemporâneo, que toma o outro como imagem banal a ser consumida. Relação de consumo e apropriação daquilo que nos chega, a todo momento, ao conhecimento, mas que não permite a concretização de uma experiência. Segundo Debord: “Considerando em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade.” (DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p.14).

⁹⁶ FOUCAULT, 2010.

pessoas passavam, deste modo, a estar sujeitas à sentença “para internar”. Entre os muros do asilo, aqueles que buscavam desfazer-se teriam o seu lugar, ajudando a compor o variado universo do desatino.

Desmanchar, despedaçar, dissolver, dispersar, reduzir a fragmentos, esvair-se, são termos encontrados no dicionário quando se pesquisa o verbete desfazer. Interessantes noções associadas àqueles que procuravam alguma escapatória a vida. Sob uma carga ruidosa de origens, tipos, destinos, luzes, alguns homens ordinários do cotidiano cidadão talvez procurassem se desfazer ao se confrontarem com as armadilhas do poder. Submetidos a identidades e classificações, estes carregariam sobre o ombro definições sufocantes que produziram um caminhar mais vagaroso e curvado. Insustentável peso do viver. Maria, louca, excêntrica, suja, sofredora, digna de pena, objeto de tratamento, transformada em informação, depois curada. Recebera novamente nome, sobrenome, família, ganhara música, prontuário e um deus evangélico. Teria ela buscado se desfazer? Teria, à maneira de Perseu⁹⁷, desejado alçar voo para outros espaços, nos quais lhe fosse possível ver as coisas de outra maneira, onde lhe fosse permitido ser leve?

Sob o inelutável peso de contornos e classificações, ao serem retirados da noite e lhe exigirem uma confissão, seres infames teriam reduzidas sua capacidade de se deslocar, de sair de si mesmo. Seriam encarcerados em limites individualizantes. As luzes da razão, da mídia, da cidade-luz, não comportam o que não tem nome e pode escapar. Os poderes não sabem lidar com o indefinido, com uma singularidade qualquer, inominável. Desta maneira, corpos têm sobre si engendrada uma alma, e esta, a todo o momento, é bombardeada por saberes que, muitas vezes, violentam ao desejarem incluir.

Estes homens infames poderiam desejar uma fuga de tais luzes; destes holofotes que intentam revelar a essência daquilo sobre o que incidem e nada, assim o querem, deixam escapar. Holofotes que não são mais aqueles dos sistemas totalitários de governo com os quais o cineasta e escritor Pier Paolo Pasolini se deparara em sua juventude na Itália⁹⁸. Aquelas grandes luzes que buscavam, na noite, os menores sinais de resistência, ou as dos projetores de propaganda aureolando o ditador fascista. Agora,

⁹⁷ CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990b.

⁹⁸ DIDI-HUBERMAN, 2011.

uma claridade diferente, que incide sobre os corpos dos homens comuns tornando-os corpos superexpostos, através das câmeras da televisão, dos shows políticos, do reino do mercado, da ciência. Luzes de um outro fascismo, o qual, Pasolini, em 1975, acreditava ter surgido sobre as ruínas do fascismo dos anos 1930 e 1940. Um fascismo ainda mais profundo e devastador, no qual passara a inexistir qualquer lampejo, a menor possibilidade de resistência. Fascismo este, como diria outro pensador, que se incrustaria na alma de todos.

Pasolini decretava, deste modo, no texto que ficou conhecido como “O artigo dos vaga-lumes”, o desaparecimento de tais seres luminosos⁹⁹. Vaga-lumes que, anos antes, conseguira perceber de forma tão bela e intensa pelas ruas da Itália, e que estiveram presente em vários de seus filmes. Clarões erráticos, frágeis lampejos de resistência; breves momentos em que seres humanos comuns emitiam seus sinais pela noite, transformando-se em *luciole*, em pequenos vaga-lumes tentando escapar à ameaça da grande luz do governo fascista. Época em que, segundo o cineasta italiano, ainda era possível resistir e iluminar a noite com pequenos lampejos de pensamento. Contudo, sob o novo fascismo, surgido no período pós-guerra, tais insurgências estariam impossibilitadas:

O “verdadeiro fascismo”, diz ele, é aquele que tem por alvo os valores, as almas, as linguagens, os gestos, os corpos do povo. É aquele que “conduz, sem carrascos nem execuções em massa, à supressão de grandes porções da sociedade”, e é isso que é preciso chamar de genocídio “essa assimilação (total) ao modo e à qualidade de vida da burguesia”¹⁰⁰.

É compreensível o desespero político que tomou conta de Pasolini e o levou a teorizar a morte dos vaga-lumes, o desaparecimento da menor forma de resistência diante deste emergente fascismo. Tempo no qual os “conselheiros perversos” assumiriam as mais variadas formas atuando em prol de uma sociedade de controle, ilusoriamente cada vez mais libertária. Porém, afirma Didi-Huberman, assumir esta trágica fatalidade seria desistir de ver apesar de tudo, apesar da apropriação das práticas de resistência popular, apesar da cultura, ela própria, ter se transformado em ferramenta da barbárie totalitária e ser apreendida pelo reino do mercado. Postular este assujeitamento total

⁹⁹ DIDI-HUBERMAN, 2011.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p.29.

seria somente ver a noite escura ou a ofuscante luz dos projetores. “É portanto, não ver o espaço – seja ele intersticial, intermitente, nômade, situado no improvável – das aberturas, dos possíveis, dos lampejos, dos apesar de tudo”¹⁰¹. Seria, deste modo, perder a capacidade de ser contemporâneo; disposição que o pesquisador, como citado anteriormente, deveria assumir.

Didi-Huberman nos alerta para a possibilidade de práticas insurgentes mesmo quando tudo parece estar submetido às malhas deste controle sutil e conformador da atualidade; controle não descolado de determinadas práticas científicas, como analisado de forma perspicaz por Michel Foucault e Gilles Deleuze. Ele chama a atenção, logo, à possibilidade de se constituir uma experiência em meio ao domínio de um mercado de consumo e de informações.

Ser contemporâneo se mostraria, deste modo, como a possibilidade de manter uma constante e intranquila atenção ao presente, mas também como a possibilidade de investir na produção de um encontro em que o outro não sofra a intensidade das luzes que o carrega de identidades e categorizações. Ir, portanto, na contramão de práticas que não suportam o caráter deslocador que emerge na relação com a diferença e a conformam em embalagens manuseáveis: o louco, o pobre, o travesti, etc. Formas de estar com o outro que, ao dar voz, ao falar sobre ou ao pedir que se fale, acabam atuando como dispositivos homogeneizantes. Seria possível contrapor um determinado silêncio à informação e ao falar constantemente evocado pelas práticas de poder contemporâneas. Mas, que silêncio?

Silenciar e calar não possuíam o mesmo significado na antiguidade. Roland Barthes¹⁰² adverte que o silêncio e o calar-se teriam nuances diferenciadas: "tacere, como silêncio da fala, opõe-se a silere, como silêncio da natureza". Silere seria empregado para a noite, o mar e o vento; silêncio que afirmaria intensidades das forças naturais, ou o que ainda não surgiu, o ainda não, ou o que despontará; silere também seria o sentido da morte. O silere não se restringiria a natureza. Nuances deste silêncio estariam também na literatura e na política. Para Maurice Blanchot¹⁰³, "uma obra literária é, para aquele que sabe penetrar nela, uma preciosa morada de silêncio, uma

¹⁰¹ DIDI-HUBERMAN, 2011, p.42.

¹⁰² BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.50.

¹⁰³ BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.321.

defesa firme e uma alta muralha contra essa imensidade falante que se dirige a nós, desviando-nos de nós".

Tais autores legariam a possibilidade de pensar a diferença como *silere e tacere*, isto é, o silêncio da diferença que escapa da captura que a aprisiona em significados definitivos, a que vai ao encontro do ainda não, ao que virá, em contraste com a diferença ruidosa, plena de significados claros e previsíveis, encontrada nas práticas do poder que faz falar; estridência do eu solitário, das confissões íntimas, das identidades imobilizadas em si mesmas; ruídos imunes a qualquer deslocamento advindos da potência do inesperado. Diversidade imóvel, intocável quando fixada na soberania das suas bordas. Para Blanchot¹⁰⁴, "a poesia se torna então o que seria a música, se reduzida à sua essência silenciosa: um andamento e um desdobramento de puras relações, isto é mobilidade pura". Mobilidade transgressora de compactas fronteiras, de discursos conclusivos presentes na produção do outro ou de um futuro carregado de esperanças ou de pessimismos imóveis. Tais silêncios da diferença estariam, portanto, presentes como paradoxos tramados na cidade. Que silêncio teria reverberado a partir do encontro do corpo desta mulher com o chão?

A escuta, o deixar falar, o encontro com os infames da cidade, exercícios valorizados no campo das ciências humanas bem como nos documentários, podem, acreditamos, contribuir para tornar visíveis os mínimos desvios que surgem no cotidiano e que escapam a domesticação da vida, colaborando, assim, para a emergência de formas mais livres de constituição de si e do mundo. Contudo, é necessária atenção à linha tênue em que se caminha ao ocupar tais posições, para que não se acabe reproduzindo os fascismos de que nos alertam alguns autores anteriormente citados. "Estar com o outro, tornar visível um modo de vida sem fazer com que essa aproximação se confunda com um modo de gestão da vida do outro, um modo de inventariar mais uma excentricidade", seria um desafio do documentário, afirma Cezar Migliorin¹⁰⁵. Desafio que é estendido às ciências humanas. É preciso, logo, estar atento, afim de que não se escute apenas uma ruidosa diferença.

¹⁰⁴ BLANCHOT, p.330.

¹⁰⁵ MIGLIORIN, Cezar. Documentário recente brasileiro e a política das imagens. In: Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010, p. 12.

Uma forma de encarar este desafio, de esquivar à produção de ruídos efetivada pelas práticas do poder que faz falar, seria apostar no silenciar desdobrador de sentidos. Silenciar que não significa um calar-se diante das tantas formas de opressão perpetradas no dia-a-dia das cidades. Ouvir o silere contribuiria para uma postura que não anula aquilo que haveria de mais radical na diferença, sua força desacomodadora. Potencial que permite o estilhaçamento de contornos, um tornar-se outro. A diferença é, deste modo, tomada fora das bordas que a engessam em sua produção cotidiana e passa a ser entendida como algo que emerge na relação. Diferença apreendida como artefato, portadora de contornos temporários e permeáveis.

Ouvir o silêncio desta mulher e o impacto de seu corpo com o chão como silere, silêncio do ainda não, mostra-se como uma recusa a considerar sua morte como confissão. Confissão que a faria dizer “sou louca”, que comprovaria diagnósticos e a estrangularia numa identidade. Algo comum e exigido da loucura nos antigos hospitais psiquiátricos, como mostrou Foucault em suas pesquisas. O suicídio, não descartando o caráter trágico que possui a perda de uma vida, ao ser encarado como confissão de um eu, tornar-lhe-ia apenas uma vítima. A morte produziria incômodos, mas correria o risco de permanecer exclusivamente no âmbito das emoções. Provocando tristeza, lamentos, pena, porém impedindo-a de recusar aquilo que “era”. Retiraria, logo, sua possibilidade de deslocar, de aturdir, ou seja, de ser tomada como acontecimento que pode questionar mundos e interpelar as formas de relação que produzem a diferença no contemporâneo.

É nesta direção que não se deseja, com este trabalho, ceder mais luz a sua história. Dar visibilidade assim como a mídia que transforma homens comuns em heróis ou vítimas. Ao contrário, queremos lhe legar certa opacidade, característica que possa lhe garantir a capacidade de responder aos olhares carregados que incidem sobre o seu corpo. Possibilidade de opor-se aos ruídos que a tornaria imune a qualquer deslocamento. Possibilidade, assim, de lhe desfazer, de tornar-lhe anônima. Operação que não apaga suas singularidades, mas que permite o estilhaçamento dos limites que a mantém em si mesma. Retirar-lhe do papel de uma personagem que carrega em si marcas individualizadas de uma personalidade bem delimitada - fazendo com que sua história possa comportar uma intensidade impessoal na qual é possível remetê-la a outras histórias - pode ser um modo de estar com outro sem que lhe seja atribuído mais peso.

As estratégias biopolíticas também buscariam forma de se desfazer dos considerados indesejáveis. Desfazer excluindo-os, anulando a singularidade daqueles que não se enquadravam em um modo de vida idealizado para os espaços citadinos. O desfazer aqui problematizado se mostraria como uma alternativa a tais práticas de poder. Mesmo porque as formas de exclusão, hoje, se dão cada vez mais por inclusão, inclusão em tipos, em classificações, em estatísticas, ou seja, como um constante fazer, contínua edificação de formas bem acabadas, ininterrupta produção de existências capturáveis. Apostamos em um desfazer como possibilidade de retirar dos corpos esta compacidade legada pelos dispositivos gerenciadores da vida, que recortam, mas para melhor examinar e conhecer, não deixando espaço para que algo inesperado possa se dar. É necessário certo vazio para que o imprevisível possa acontecer, para que sentidos outros possam emergir. É preciso espaço e certa leveza para que um constante refazer de formas seja possível.

Afinados com a proposta de Italo Calvino, buscar a leveza não indicaria uma fuga da realidade, mas um modo de ver as coisas de outra maneira, sob outro ponto de vista. Uma forma de retirar-se do fatalismo da atualidade e da naturalidade com que tudo que pesa sobre a existência é encarado. Leveza que permite escapatória a esta rede de constrictões cotidianas que aprisionam a vida em malhas cada vez mais intrincadas. Proposta que apontaria, assim, uma ética de pesquisa. “Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle”¹⁰⁶.

Importa alertar também que não interessa a este trabalho incorrer em uma escrita denunciativa, apontando possíveis falhas ou erros que teriam se dado por parte da rede de cuidados produzida em torno de Maria José. Nem mesmo pretende sugerir formas mais “eficientes” ou elaborar propostas de cuidado “efetivas” para com aqueles que experienciam a loucura. O objetivo desta pesquisa é tensionar as relações que produzem a diferença na experiência urbana contemporânea, e toma, para isto, este caso como disparador. É reconhecido o trabalho implicado com uma política de saúde mental não

¹⁰⁶ CALVINO, 1990b, p.19.

violenta e conformadora, realizado por vários profissionais da Rede de Atenção Psicossocial de Aracaju, muitos dos quais fizeram parte do coletivo que lidou com o caso de Maria José. Trabalhadores militantes que reconhecem que a Reforma Psiquiátrica é um processo, algo em constante movimento, e que a lógica manicomial continua presente e exigindo atenção.

Todavia, interessa sim, chamar a atenção para a aposta - aposta já colocada em prática por muitos daqueles que vivenciam os espaços de produção de saúde - em produzir um encontro no qual as formas de estar com o outro, as formas de acolhimento, ideia avivada pelas políticas de inclusão, se dê de forma a não anular o potencial político de um encontro poroso. Encontro que permita deslocamentos e no qual não se retire a força criativa de uma vida.

A luz das contribuições teóricas de Foucault, Barthes, Benjamin, entre outros pensadores, considera-se que o narrar pretendido, sobre o acontecimento cidadão que direciona este trabalho, difere do dizer do outro, pelo outro ou contra o outro, estratégias das quais nos alerta Aquino. Tomando a diferença enquanto portadora de uma capacidade de alterização, afirmamos que a ética que deve balizar o modo de se fazer pesquisa deve possibilitar um encontro; encontro desestabilizador com a loucura, com a diferença, com a cidade, com o tempo presente. Encontrar-se assim, como seria característico na urbe, com o outro, com aquilo que difere e que permite que saiamos de nós mesmos. “Um encontro marcado por nenhuma volúpia descritivo-normalizadora e alguma porosidade à diferença e à variância que esse tipo de acontecimento pode nos ocasionar, ou ao que quer que a alteridade nos afete e nos faça deslocar”¹⁰⁷.

O narrar tornar-se-ia uma potente ferramenta na medida em que tais casos narrados possam remeter a um plano político. Quando faz explodir os limites de uma particularidade permitindo conceber as forças que a atravessam. Narrativa feita de restos, daquilo que escapa, mas que possibilita que uma história possa se desdobrar em diversas outras e contribuir para o enfrentamento dos fascismos que nos perpassam. Histórias abertas, portanto. Singulares, mas que têm a força de produzir o inacabamento do silêncio.

¹⁰⁷ AQUINO, 2008, p.5.

A queda da “velha do shopping” traduzida em tacere, o silêncio da palavra, o calar-se, foi mais um suicídio fruto do sofrimento psíquico de uma usuária da saúde mental. Suicídio ruidoso que a faz confessar e a engessa em suas bordas. Apostamos aqui no silere deste ato, no silêncio desdobrador de sentidos, que a permite se desfazer e que é impossível de ser concluído como uma história linear. A queda daquele corpo pode interromper compactas convicções, exigir o estranhamento de otimismo e pessimismos da atualidade. Ouvir seu silêncio talvez seja uma proposta ética que faça da diferença um promissor aturdimento.

*

Algo chama à parada, solicita uma pausa em um caminho feito ao caminhar. Trajeto escrito/percorrido durante um tempo que o pesquisador não se dera conta que passou. Cidades ruíram e outras emergiram ao tomar as ruas. Questões, dentre as tantas surgidas, e entre tantas não respondidas, continuam insistindo e provocando. Talvez a melhor escolha seja também o silenciar. Silenciar que permite às perguntas e às histórias permanecerem inconclusas e continuarem tensionando e interpelando práticas e discursos que se constituem no contemporâneo. Silêncio que possibilita a história manter-se aberta. Lembramos mais uma vez de Walter Benjamin, quando este afirma que outra experiência estaria se perdendo no mundo moderno: a experiência de dar conselhos. Segundo Benjamin, aconselhar seria menos responder a uma pergunta do que sugerir a continuação de uma história que está sendo narrada. Apostamos, portanto, nesta abertura, na força de uma narrativa que admite conselhos e histórias por vir.

Epílogo

Debaixo do viaduto, o rastro de sangue deixado por aquele corpo que se deixou cair, mesmo após diversas tentativas de limpeza e camadas de outras informações, não fora eliminado. O sangue se espalhou pelas ruas, adentrou territórios seguros e penetrou nas artérias pulsantes da cidade. Tal sangue aqui não diz somente da mistura de substâncias que corre pelas veias, mas de uma formada por práticas e histórias que atravessam o corpo. Talvez por trazer uma radical força de alterização, este insistiu em provocar transtornos. Teimou em incomodar relações estabelecidas, boas-vontades, indiferenças, credos. O corpo ao cair não deslocou somente uma massa de ar e o barulho de quando se encontrou com o chão, embora tendo sido abafado, provocou ruídos e silêncios que sutilmente reverberaram. Sem se preocupar em confirmar ou refutar diagnósticos interpelou o contato com a diferença. A loucura deixou de ser personagem e desmanchou seus limites convocando o questionamento de certezas e incertezas em suas lidas diárias.

6. Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AQUINO, Julio. G. A (auto)biografia como estilística da existência: o caso de Santiago de João Moreira Salles. In: I Colóquio Nacional Michel Foucault: educação, filosofia, história - transversais, 2008, Uberlândia, MG. Anais do I Colóquio Nacional Michel Foucault: educação, filosofia, história - transversais. Uberlândia: EDUFU, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. No castelo da história só há processos e metamorfoses, sem veredicto final. In: PASSETTI, Edson. Kafka, Foucault: sem medos. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GROSS, Frédéric. Foucault: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BATISTA, G. C. & NOBRE, M. T. (2013). O caso “Estrela”: práticas de desinstitucionalização na Reforma Psiquiátrica. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 240-250.

BAPTISTA, Luis Antonio. A Reforma Psiquiátrica e a Presença da Cidade. In: _____. A cidade dos sábios: Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus, 1999.

_____. Noturnos Urbanos: interpelações da literatura para uma ética da pesquisa. *Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)*, v. 10, p. 103-117, 2010.

BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994a. (Obras Escolhidas, v.1).

_____. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994b. (Obras Escolhidas, v.1).

_____. Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas; v.3)

BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades. In: Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia, n. 18, nov. 2002/jun. 2003.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a.

_____. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990b.

COIMBRA, Cecília. Guardiães da ordem: Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “*Milagre*”. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil, 3ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.

COSTA, Luciano Bedin. Estratégias Biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Cidadelas da Ordem: A doença mental na República. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Os intercessores. In: Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, genealogia e a história. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979a.

_____. A governamentalidade. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979b.

_____. O nascimento da medicina social. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979c.

_____. Conversazione con Michel Foucault. Il Contributo, Vol. 4, nº 1, p. 23-84, jan./mar. 1980. Entrevista com D. Trombadori em 1978.

_____. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992.

_____. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. – v. 1, n. 1 (1993) – São Paulo, 1993.

_____. O Poder Psiquiátrico. Tradução Eduardo Brandão; revisão técnica Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. O que são as luzes? In: _____. Ditos e escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Trad. Elisa Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. História da loucura na Idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2010. 9.ed.

GAGNEBIN, Jeanne M. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina. GINZBURG, Jaime (org.). Walter Benjamin: rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MACHADO, Leila. Subjetividades contemporâneas. In: BARROS, M. E. Psicologia: questões contemporâneas. Vitória: EDIUFES, 1999.

MIGLIORIN, Cezar. Documentário recente brasileiro e a política das imagens. In: Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

NEVES, Cláudia A. B. Pensando o contemporâneo no fio da navalha: entrelaces entre desejo e capital. In: Lugar Comum. Rede Universidade Nômade. v. 19/20, p.135-157, 2004.

PALOMBINI, Analice de Lima. Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade. Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

RAJCHMAN, John. Lógica do sentido, ética do acontecimento. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.) Dossiê Deleuze. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991. p. 56-61.

RODRIGUES, Heliana de B. C. Para desencaminhar o presente psi: biografia, temporalidade e experiência em Michel Foucault. In: GUARESCHI, Neuza. E HÜNING, Simone. Foucault e a psicologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história. In: _____. Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

VASCONCELOS, M. F de F. de. MACHADO, D de O & MENDONÇA FILHO, M. C. Acompanhamento Terapêutico e Reforma Psiquiátrica: questões, tensões e experimentações de uma clínica antimanicomial. Psicologia e Sociedade. (No prelo).